



CRÓNICA  
DO QUOTI  
DIANO IN  
ÚTIL

vol. 2 (1967-1975)

j. chrys chrystello



*Este livro foi primeiramente policopiado a “stencil” em Timor no verão de 1974, logo após a Revolução dos Cravos de 25 de abril.*

*Durante mais de 35 anos andou perdido dado não existirem cópias dessa edição. O autor saiu de Timor para Bali (Indonésia) em 1975, regressou a Portugal nesse ano e saiu em 1976 para Macau. Os manuscritos originais foram entretanto passados à máquina de escrever em Macau (1997-1982) e arquivados.*

*Viveu na Austrália até 1996 (Sidney e Melbourne). Assentou por uns tempos no Porto, Bragança e Açores a partir de agosto 2005.*

*Foi aqui - em novembro de 2011 - que ao arrumar os seus arquivos deu com uma pasta mal catalogada onde estavam esses manuscritos que ora se recuperam com enorme alegria, em especial por surgirem quando o autor celebra 40 anos de vida de vida literária...*

*O curioso é que este segundo volume da CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL abarca quase na totalidade os textos que a censura do regime salazarista cortara do primeiro volume que foi publicado em maio 1972, sendo posteriormente acrescentada uma mancheia de textos desse ano. Optou-se por converter tudo ao novo acordo ortográfico embora no original meses e nomes aparecessem já em minúsculas nessa data.*

*Para quem não viveu a era do “lápiz azul” da censura decerto será difícil entender que não havia liberdade de expressão e que estes textos eram impublicáveis naquela época.*

*Trata-se de escritos de um jovem entre os 20 e os 23 anos de idade e justamente preocupado com o ambiente que se vivia de desesperança e opressão, sob o espetro da guerra colonial. Algumas observações de ordem política eram tão atuais em 1972 como o são agora, o que mostra apenas que a retórica e a demagogia são as características principais desta democracia à portuguesa que se vive desde 1974. Junta-se um posfácio escrito em 1976 relativo ao primeiro livro e, sendo esta uma segunda edição foi decidido acrescentar alguns textos que haviam ficado de fora da versão anterior.*

1ª edição (do autor), Dili, Timor, maio 1974

*TEMPO VAGO*  
*ROTINA INCÓMODA*  
*HÁBITO INCORRUPTO*  
*DOR DERROCADA*  
*SILÊNCIO MASTIGADO*  
*TEMPO VAGO*  
*TEMPO INCORRUPTO*  
*TEMPO INÚTIL*

## *índice*

### capítulo i das peregrinações (aos locais sagrados e interditos da literatura) às madrugadas poéticas (com pretensões a santuários)

1. [fábula 6. para não dizerem que não falei de flores fev. 16, 1970](#)
2. [fábula 8. de cães e homens. ago 19, 1970](#)
3. [fábula 10, o milagre da cadeira do diabo \(ao salazar\), dez 8, 1971](#)
4. [crónica 1. mai 15, 1971](#)
5. [crónica 2. a quem me ler. mai 17, 1971](#)
6. [crónica 3. napoleão e eça. mai 20, 1971](#)
7. [crónica 4. out 12, 1971](#)

### capítulo ii das efabuladas eternidades

8. [e.32. estórias da minha terra](#)
9. [281-1. alquybirismos agosto 5, 1971/dez 29, 1972](#)
10. [e.37. tantos os sonhos \(a soeiro pereira gomes\) mar 16, 1973](#)
11. [e.38. \(ao daniel filipe\) abr 30, 1973](#)
12. [e.35. a um natal dez 26, 1972](#)
13. [e.10. diariamente noticiários e poemas inconsequentes, mar 1970](#)
14. [e. 9. para uma história parcial que fale de homens. fev. 16, 1970](#)
15. [e.13. reconstrução dos livros, dos dias, das pessoas, abr 20, 1970](#)
16. [e. 15. crónica do quotidiano 2, junho 11, 1970](#)

### capítulo iii das divindades, as três idades do homem (do sonho, da corrupção, da morte)

17. [408. carta aberta dum condenado](#)

do sonho

18. [414. a poesia é uma bola sempiterna mai 27, 1972](#)
19. [e.16. vem correr comigo \(à bi rua\) jun 11,12, 1970](#)

20. [e.17. para uma canção triste de embalar \(à bi rua\) jun. 26, 1970](#)
21. [e.19. sei da tua vinda. set 3, 1970](#)
22. [e.28. o calor das pedras, set 16-17, 1971](#)
23. [e.29. cenas de cidade, set 24, 1971](#)

da corrupção

24. [381 – 2. o homem corrupto](#)
25. [e.30. crónica do quotidiano 3, memórias de guerra. set 24, 1971](#)
26. [91. mes arnes, mai, 2, 1969](#)

da morte

27. [412. um homem morreu só. mai 9 1972](#)
28. [e.25. o grande edifício da família ago 15, 1971](#)
29. [e.20. e de súbito, noturnamente toda uma vida. set 1970](#)
30. [e.21. a morte em todas as faces da ingratidão \(ao meu primo alberto meira. abr 13 set 18, 1971](#)

capítulo iv das verdades heroicas, talvez inconfessadas

31. [e.31. memórias mistas nov. 23 1972](#)
32. [421. habitante de todos os calendários jul. 26, 1972](#)
33. [422.2. herói à força, sem força. dez 21, 1971](#)
34. [398.2. jogos de portuguerra, abr 1, 1972](#)
35. [294. poema triste. set 29, 1971](#)
36. [398.1. bucólica. mar 27 1972](#)

capítulo v - das dolorosas certezas narradas com temor

37. [295. o génio. a grotowski. set 29 1971](#)
38. [409. a mulher de metal abr 27, 1972](#)
39. [415. missmundície. jun. 2, 1972](#)
40. [223. a criança, o brinquedo mai 1970](#)
41. [420. onde? jul. 15,1972](#)
42. [e.33. o futuro é hoje ago 10 1972](#)
43. [366. \(à mi\) dez 18, 1971](#)
44. [396. olhos de silêncio. mar 22, 1972](#)
45. [222. ódio? suicídio? maio 7, 1970](#)

***posfácio crítico a “crónica do quotidiano inútil” vol 1 1972***

Se é um **“EU”** entediado que nos aparece como centro dos textos<sup>1</sup>, esse eu-narrador define-se como alguém quotidianamente disfarçado na vida da cidade, numa cidade moderna e desumanizante. O mais importante dos textos é o mostrarem exatamente a

---

<sup>1</sup> *“Este tempo é quadrado  
Em cada canto uma angústia  
O centro sou eu.”*

monotonia e o absurdo de uma certa sociedade. É o mostrarem o nosso dia a dia cinzento e martelado. Sim, porque é de nós que se trata: *“É impossível para um indivíduo isolado constituir, por si só, uma visão do mundo totalmente estruturado, e por conseguinte, existe uma relação orgânica que une, ao nível das estruturas do pensamento, o escritor e o grupo social com que ele se relaciona”*<sup>2</sup>. Para não falarmos de autor (noção incómoda) digamos que o narrador é perfeitamente identificável connosco, com uma pequena-burguesia estudantil e de esquerda (se quisermos, a todo o preço um rótulo, utilizemos este, sem esquecer que *“as pessoas ultrapassam sempre a estreiteza dos rótulos”*). Daí, o não definirmos este eu que se enuncia nos poemas: notemos que ele é um de nós, que a sua experiência diária é a nossa. Talvez mais desesperançada, talvez mais minada pelo tédio. Mas, em todo o caso, refletindo a escrita esse tédio (enumerações infindáveis, inventariações exaustivas de ações, frases-feitas tiradas do discurso dominante) ela é também (sempre) a diferença: o que é novo e inesperado, não-rotineiro: «o hábito incorrupto feito rua» é, pelo menos, corrompido pela presença de um “contestatário”. Certos jogos de palavras são decididamente influenciados por outros poetas da cidade (Daniel Felipe, Manuel Alegre de *“Lisboa perto e longe”*<sup>3</sup>) da emigração, da guerra. Mas há o novo. E são expressões como «*por isso no séc. XX colonizamos a Europa “a salto”*». Esta ironia amarga que ressalta de todo o livro, espécie de revolta sem objeto de fixação definido, de tom levemente anarquizante e desencantado está presente num dos mais bonitos e significativos poemas: o IX, em que se fala dos rapazes tímidos do último banco de trás dos elétricos. A crueza dos factos que são matéria da sua poesia (quer pela sua violência, quer pelo seu pacifismo balofo e pequeno-burguês) dá lugar a bons momentos poéticos. A adjetivação acompanha a estranheza de que se fala e é, por vezes, inesperada “frenéticos vaivéns” “sons pensativos” e mais. A nível sintático são poucos os cortes, com a tal linearidade que se pretende afastar. O novo modernismo das gerações de [19]60-70 foi muito mais longe na desmontagem sistemática da frase e, com ela, de

---

<sup>2</sup> Jacques Leenhardt, citado por E.P.C. in “O Reino Flutuante”.

<sup>3</sup> São de notar semelhanças com a escrita de José Bação Leal. A mesma denúncia surda de um quotidiano de miséria, dos Brandos Costumes de uma Lisboa adormecida; as mesmas metáforas da guerra e da emigração, a mesma desconfiança perante um Deus que não protege, afinal, *“tous ceux qui tombent”*:

XV.

*“Quem cria o homem*

*A Fome, a Guerra e a Morte*

*Tem forçosamente de ser tido por mau” e,*

Bação Leal diz *“Não posso acreditar num Criador distraído”*:

todo o pensamento “normal” e produzido pelo “bom senso” do homem maduro e honesto, do tal funcionário já farto de “funcionar” que o poeta abomina. Se a “antecipação do encontro” que só terá lugar no infinito nunca é pedida, resta no entanto a palavra que fica inscrita “nas folhas de papel” abrindo, apesar de todo o desencanto, lugar à esperança.

Isabel Margarida Duarte, 17/X/1976, Professora associada da FLUP,

Departamento de Estudos Portugueses e Românicos 2011 [iduarte@letras.up.pt](mailto:iduarte@letras.up.pt)

## CAPÍTULO 1

### **DAS PEREGRINAÇÕES**

**(aos locais sagrados e interditos da literatura)**

### **ÀS MADRUGADAS POÉTICAS**

**(com pretensões a santuários)**





*1. fábula 6. para não dizerem que não falei de flores. 16 fevereiro 1970*

Quer acreditem ou não  
na timidez do meu silêncio  
até já o confessei  
na solidão do meu retiro  
tenho uma flor guardada  
( - que novidade! -)

há quem guarde selos  
automóveis, livros  
memórias vivas de pessoas mortas

bem, mas adiante...  
a flor que tenho é diferente  
está numa redoma de vidro  
( - que novidade! -)

há quem tenha estatuetas em redomas

bem, mas esta flor +e diferente  
não seca nem murcha  
nem bebeu o elixir da juventude  
mas mantém-se como no dia  
em que foi colhida  
as suas pétalas bem abertas  
a sua policromia  
o seu pedúnculo ainda ereto  
o seu cheiro perfumado  
bem, mas afinal a quem isto? –  
eu nem devia dizer  
mas a flor és tu  
por isso eu a afago  
ela me acaricia

no dia a dia em que a rego  
e os beijos que lhe dou  
não é a ela, é a ti  
sabes porquê?  
a ti ninguém apanha  
enquanto a flor  
é minha, irremediavelmente minha

mas ninguém me garante  
que seja mais feliz  
tendo-te a ti  
e perdendo a flor.

## ***2. fabula 8. de cães e homens. 19 agosto 1971***

1.  
leio nos olhos dos cães a tristeza  
erguem languidamente as cabeças ávidas  
suspensos dos humanos atos.  
com brilho de júbilo nos olhos  
abocanham o osso e se afastam  
contentes.

simultaneamente no restaurante  
com esgares de indignação e desprezo  
pessoas enxotam com gestos nos olhos  
os mendigos que param à porta

2.  
carpinteiros especializados  
constroem sofisticadas casotas e cão  
com ar condicionado e alcatifa



na cadeira de espaldar  
acomoda-se  
enquanto balança  
o báculo

a abelha impertinente  
zumbe em volta

abaixo do púlpito  
os fiéis erguem os olhos aos céus  
como se lá estivesse a verdade

atrás do bispo, a caveira dum santo  
dá corpo dá voz  
aos pensamentos profanos  
de imortalidade

o povo, mistificado, benze-se  
pelo bispo sacrílego  
que fala pela voz da caveira

o bispo impotente para se calar  
diz verdades duras e antigas  
a abelha investe  
contra a autoridade divina  
que se ergue apoiada ao báculo

e a paz volta à igreja  
pelo enfadonho sermão

o povo – estava escrito –  
continuará ignorante  
mais uns séculos.

já dizia Bertold Brecht

*"Do rio que tudo arrasta,  
se diz que é violento.  
Mas ninguém diz violentas  
as margens que o oprimem".*

#### 4. crónica 1, maio 15, 1971

1.

Daqui bem longe donde vos escrevo, o tempo vai, como é seu hábito meteorológico, influenciando a disposição das pessoas. É assim que me encontro com a chuva ao dar ao papel mais umas impressões deste país onde os homens vão tendo, cada vez mais, coisas para os preocupar.

Também é de chuva o ambiente intelectual pois as cabeças, cada vez menos, vão servindo para pensar e, creio até, que algumas nunca o fizeram.

Podia até dizer que é de crise a época se não o tivessem sido todas, mesmo as mais brilhantes e prósperas.

Na realidade, os homens andam arredios dos livros e eu compreendo-os: de há uns meses a esta parte, o marasmo, a calma e a inatividade livreiras e livrescas transmutaram-se a ponto de já não as reconhecermos. Sob o pretenso título de qualidade, o mercado tem sido invadido por tremendas doses de livros de bolso de todas e mais algumas editoras, num movimento que desmente toda a estagnação.

A única nota saudável deste ataque, tem sido, até agora, dada pelos preços que se apresentam otimamente reduzidos, e agora os editores nem se queixam de lucros, margens, impostos, etc. Eu sei que quando há fogo em nossa casa lhe deitamos água e só depois vemos que, embora nada esteja queimado, ficou tudo horrivelmente manchado e molhado. Assim os livreiros se empenharam em lançar obras e mais obras com todas as facilidades e agora que começam a fazer contas são eles a precisarem de facilidades.

2.

De política isto não está indo muito melhor ou pior, embora o senhor Presidente do Conselho há dias se mostre apreensivo – e por um hábito que há muito se mantém neste país – quando um presidente está apreensivo, todo o povo o acompanha, mesmo aqueles que normalmente votam contra ele. Se está apreensivo é por que não sabe o que há de fazer a um problema que não é de agora, melhor dizendo, é de sempre.

Pois cá neste ocidental país, quando alguém sai de um ministério, caladinho e sem dizer nada, ei-lo que aparece logo a seguir sentado à mesa da presidência de um conselho de administração de alguma opulenta empresa. Pois então, porque não? Foi ministro, deu o seu contributo à nação, é justo agora que seja a nação a cuidar dele, e para tal,

nada melhor que as cómodas cadeiras dum conselho de administração. E por outro prisma, por que haveria ele de voltar a ser quem era dantes? É necessário manter o progresso e evolução. Depois, o povo vê, o povo lê e começa a tecer comentários. Como sabem, um presidente teme sempre os comentários do seu povo, em especial numa democracia como a portuguesa.

Por outro lado, todo o ministro ou ex, tem amigos, tem influências, e afinal como vai ele presidente dizer-lhe: "*Olhe o senhor não vá para esse lugar, deixe-o para os que são mais competentes.*" E logo o ministro se sentiria reformado, que é a coisa mais aviltada que um ministro pode sentir e é por isso que vai para um conselho de administração.

E, afinal o elevado nível de vida e as receções? Como iriam ser mantidos esses bons e saudáveis hábitos desta república?

É por tudo isto que o presidente do conselho anda apreensivo e aquele sorriso que todos nós lhe conhecíamos anda agora menos aberto, mais mortiço. É que no fundo, ser presidente é uma estopada, isto de ter todos os dias nove milhões e meio de dores de cabeça é um pouco forte!

3.

Falámos de livros e política e falta-nos falar em pessoas, sociedades, festas, enfim em todos esses atributos sociais que de nossos avós herdamos. Também aqui o tempo se tem feito sentir ensopado, pois depois da "molhada" queima das fitas, esta cidade [do Porto] continua mais pacata e trabalhadora que nunca, cada vez mais metida consigo própria. No entanto, pelo que dela conhecemos, é bisbilhoteira, como se fora uma vila de província. Nisso, provavelmente, se tornará, com toda a futilidade que, apesar do trabalho e dos que trabalham, vai caracterizando a sua outra face. É um snobismo pobre e até, um pouco ordinário, como o daquelas velhas que nada tendo nelas de atrativo, se vão empoando todas para passear em Santa Catarina e tomar o chá das 5 na Confeitaria Confiança.

À noite, continua parecida com uma cidade fantasma em que os espetros – oh monotonia – são sempre os mesmos nas mesmas esquinas. É sem dúvida agradável ter uns manes e uns vates como os nossos, além do mais, é saudável e já vai indo longa esta crónica, mais enfadonha que todas as outras e mais chuvosa também.

É bom, por outro lado, estar aqui neste isolado país, afastado de tudo e de todos. É despreocupante. É bem próprio de nós, este amolecimento em que vamos consentindo, nesta preguiça de estar longe da Europa. Este torpor que tão bem se dá com aquilo que ainda há em nós, de latinos, apesar das misturas de sangues e raças. E por o sol já se ir alevantando, aqui vos deixo.



## 5. *crónica 2. a quem me ler maio 17, 1971*

1. Há dias, conversava eu com um político, antigo ministro, homem ainda novo, inteligente, de trato afável, conciso e lúcido, e admirava nele o seu poder crítico. Discutia-se no ar, numa daquelas discussões sem bases nem fins determinados em que palavras vão puxando palavras, as pessoas vão ficando suspensas nelas e pouco mais. Nós, os dois, que até então ficáramos aparte, interviemos na contenda: eu como ouvinte e espetador, ele como contendor...e então, coisa curiosa, todos se voltavam contra ele num nítido esforço de confundir, baralhar, e ele, calmo, apenas clamando para ser ouvido, um a um, os ia aparando, aos golpes, até que na discussão só ficaram dois. Ele, com os seus 50 anos, mentalidade jovem, aberta, elástica, e o outro, um jovem de 30 e poucos, já habituado ao comodismo das posições catedrais defendendo a sua torre de marfim. Pois seguia eu empolgado a rápida cavalgada que os dois faziam e vi o espírito lúcido do mais velho voltar sempre ao ponto de que derivavam, mas com uma segurança e um saber que me extasiaram. No meu quase silêncio, fui-me sentindo, aos poucos, batido por aquele homem extraordinário e vi toda a sua juventude, a sua força, enquanto o outro com a sua reduzida agilidade mental se remetia a uma esporádica intervenção, em que se desdizia, e a cada contradição, ia cedendo campo ao opositor. Mas, dizia eu, que conversava com esse homem, que considero brilhante, e ele com a sua linguagem aberta ia descrevendo situações, narrando abusos e enganos e, ao mesmo tempo, criticava toda uma estrutura errada. Considerava desacertada a forma como se recolocavam ministros e similares e aos lugares de favor chamava espelhos de uma certa corrupção, pois dos negócios estrangeiros passara ele a diretor da junta nacional de frutas. Comentava, jocosamente, que gostando apenas de batatas, ananases e laranjas tinha de fazer planeamentos sobre a cultura de tomates. E tinha um horror danado aos tomates, tinha vontade de mandar trocar essa cultura pela de ananases. E perguntava, como se pode ser eficiente, como programar devidamente, se dos negócios externos passara aos problemas internos das frutas? Mal vai a governação no meu país, mas pior iria se nos negócios estrangeiros houvesse um produtor de frutas... Citando Brecht (sem insultar ninguém):

*"Não há pior analfabeto que o analfabeto político. Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos. O analfabeto político é tão burro que se orgulha de o ser e, de peito feito, diz que detesta a política. Não sabe, o imbecil, que da sua ignorância*

*política é que nasce a prostituta, o menor abandonado, e o pior de todos os bandidos que é o político vigarista, desonesto, o corrupto e lacaios dos exploradores do povo." Bertold Brecht (1898-1956)*

2. Está muito em voga agora uma espécie de moda nova e única: que as famílias de bom-tom e com pergaminhos, sempre que se reúnem, seja por festa ou luto, chamem a essas reuniões *forsytianas*<sup>4</sup>. Aqui está como eu admiro a democratização de uma ideia aristocratizante, apenas não serei capaz de perdoar que tal seja provocado pela exibição na TV de uma série chamada "The Forsyte Saga" da autoria de William Galsworthy. Mal vão as pessoas na minha terra vendo boa televisão.

Veio tudo isto a respeito de um funeral onde estive presente e onde tal foi dito para meu espanto. Nos funerais, aprecio, até certo ponto, a parte social pois se fala, se discute, mas – no fundo – se convive. Por vezes, nem nos lembramos que estamos ali por causa de uma morte; aliás, o significado de morte vai variando com as idades, para nós – mais novos – e para os muito velhos quase nem a sentimos, uns por afastamento, outros por proximidade, mas os de meia-idade esses apanham choques grandes. Ainda não estão suficientemente perto dela para a sentirem e temerem mas não estão já tão longe quanto pensavam e começam a sentir-se não envelhecidos, mas velhos. Afinal, o que será a morte, o fim da vida ou uma nova vida? Para nós, cujas concepções religiosas do mundo andam arredias ou são peculiares, morte é apenas um ponto na vida, tal como o havia sido o ato de nascer. O nascer, para nós, parece-nos sempre insensível e é assim que pressagiamos a morte e, no entanto, cruzamo-nos com ela diariamente num desafio constante do qual – muitas vezes - nem nos chegamos a aperceber.

3. Há arreigada em mim uma noção que gosto imenso de expor, apesar de incrédulo e cético. Acredito - e acredito mesmo - na evolução seja em que campo for (estético, artístico, musical, político, histriónico, etc.). Começo por fazer um aparte: à moda, como sendo aquilo que em algum momento agrada a uma maioria por muito minoritária que seja, mas não quero exprimir qual a espécie de agrado, nem suas causas e efeitos. Portanto, evolução não será moda. Evolução será – em períodos longos – a passagem de um estágio inferior a um necessariamente superior (não interessa quanto), portanto, um movimento vertical, ascendente, logo, dinâmico.

Involução será a atitude estática, horizontal em que partindo de "A" se chega a um "B" que, embora diferente, não é superior, ou, por recriação de um  $\partial$  anterior a "A" que

---

<sup>4</sup> Não do escritor Frederick Forsythe mas da "Saga da Família Forsyte" de John Galsworthy

obviamente não levará a "B". Involução será também, aqui já, noção dinâmica embora num momento (estática em relação a períodos longos), um ciclo que se conclua num estágio intermédio, uma derivação pois intermédia de "A" a "B".

Voltando à evolução e dado admitir a intelectualidade no homem, aquela levará necessariamente à perfeição, embotar aqui deva excluir a criação involutiva como é óbvio, que, pelas razões anteriormente apresentadas, não levará a nada.

Tudo isto serve para poder afirmar agora que discordo das pessoas que fazem inventários ou balanços do presente, pois tal só poderá ser feito num futuro indeterminado em que todas as coordenadas à distância do tempo possam ser tomadas em consideração, ao estágio anterior e ao próximo. E se há definitivamente coisa que eu não veja neste país, é evolução.

## 6. crónica 3. napoleão e eça. 20 maio 1971

*Aqui. Sentado. Deitado.*

*Neste silêncio mudo*

*Envolto por montanhas de livros*

*Início um problema matemático:*

*Conto os anos de vida e os livros*

*E nem tempo terei para ler os prefácios.*

E Napoleão à minha espera algures, desejando mais do que nunca com a força própria do despotismo e a linguagem doce do exílio, que me debruce sobre ele e o examine, o estude, o disseque até ao mais profundo recanto da sua alma. Dizem que - pela análise bioquímica feita aos seus cabelos - o imperador morreu vítima de uma excessiva dose de arsénico. Apetece-me viajar e ir até Santa Helena reconstituir - um a um - os passos do prisioneiro e apurar uma certeza que pudesse ser histórica, mas Phillip Roth diz que mais urgente seria ler "Portnoy's Complaint" (1969).

Mas, no canto mais sagrado da mesa de cabeceira há ainda um amigo silencioso que está certo que mutuamente jamais nos abandonaremos. Morto há setenta anos, ele é terrivelmente atual e espero, a qualquer momento ouvir bater à porta, e de seguida alguém entrar a anunciar-me a chegada dele. É tão atual como se vivesse hoje. Espera-se a cada página de leitura que fale de nós, como se tudo o que está escrito se referisse apenas a um dia de ontem extraordinariamente presente. A sua fluência e o seu ecletismo temático conduzem-nos e subjagam, são a sua imaginação e as suas vivências quem nos chama do lado de lá do abismo onde, isolados, repousámos à espera do milagre. É um deus que desce do Olimpo para nos chamar à realidade, descrevendo - a cada passo - a podridão celeste, e - nós - boquiabertos e indefesos o admirámos e invejámos. Cremo-lo maior do que Napoleão e os seus Impérios foram sempre reduzidos, embora construídos em bases que se consolidaram na razão inversa do escoar do tempo. É a ti, meu Eça (de Queirós) que me entrego, e é com as tuas asas que desejo voar. Espero que me perdoes a ousadia.

Não asfixio ainda por entre os livros mas anoto alguns mais que talvez consiga adquirir na Feira do Livro. Pergunto aos que lá passam e não param como podem viver sem livros, a menos que já vivam sem pão nem água. Mas não, não acredito nesses eremitas. Os que compram livros por comprar decerto se gabam de comprarem a cultura e aqueles que lhos vendem se gabam de a venderem. Mas nada tenho a comprar ou a

vender, tenho apenas de estudar e de ler necessito para aprender. Que me interessa a Economia no curso do mesmo nome, se nunca me perguntam sobre Eça? Por que me obrigam a estudar sem ler? Só lendo se aprende...e já Napoleão cercado de abutres no leito de morte agoniza. Escrevem-se bilhetes sobre bilhetes e há sempre uma nova última vontade a firmar em papel. Quando acabar por morrer será ainda ele quem está escrevendo a História enquanto os vivos nem nas entrelinhas figurarão. E, general ou imperador foi sempre um homem ambíguo que se foi matando aos poucos. O arsénico só serviu para abreviar a morte corporal. Aos poucos Santa Helena, a ilha ia aniquilando a alma mais do que o corpo moribundo. Nela vimos o mesmo génio que chorava ao lembrar a pátria e o que dela havia feito. Sonhou tão alto que acordou antes de acabar o sonho. Todos os anos irei lembrar-me de lhe honrar a memória a 5 de abril, mas nada mais prometo não vá o Eça ter ciúmes. Vai longa esta missiva onde as ideias se libertam e se evolvem deixando a palavra suspensa pelo pensamento.

#### **7. crónica 4. outubro 12, 1971**

1. É muito vulgar agora ouvir-se falar de turismo, suas vantagens, necessidades, criação de estruturas e de bases, planeamentos, urbanizações, e todo um mar de termos vagos e imprecisos que nos asseguram – de antemão – que nada virá a ser feito como devia. Por outro lado, começam a ecoar – apenas agora – protestos já repetidos de zonas mais atingidas pelo flagelo e ouvimos falar de subidas de custo de vida, níveis de preços, inflação, hipertrofia económica, redes hoteleiras, canais de distribuição, etc.,...De tudo isto, nós, subdesenvolvidos ouvintes, quase leigos em tais assuntos, não nos podemos impedir de encolher os ombros de incompreensão, mas algo está indo terrivelmente errado pois, por experiência pessoal, constatámos como é caro dormir e comer no Algarve. Não nos vestimos lá nem tivemos dinheiro para diversões. Facto curioso: durante uma semana, conseguimos falar em português a três pessoas! "*No smoking*" - "*Pas de pourboir*" - "*Hier gibt es Deutsche zeitunges*" Estes e outros dísticos vi por aquelas paragens e andei horas à procura de um "*Aqui fala-se Português*" sem ver nenhum. Começa a ser triste ser-se português em Portugal, a menos que surjam reformas...
2. Nesta época do ano aos hospitais públicos ocorrem muitos velhos com doenças imaginárias. É curioso vê-los chegar, trémulos e encolhidos com vozes

cavernosas, dores e queixumes, reais ou improvisados. Os internos, compreensivos dão-lhes baixa e eles ficam radiantes. Com as suas maleitas inventadas vão ficando ao longo dos corredores cloroformizados em camas de emergência, piscando os olhos já inseguros às enfermeiras mais azougadas. Passadas algumas semanas, esgota-se – para cada caso – a boa vontade dos clínicos empenhados em ajudar outros tantos que aguardam vez. Dos que saem, os curados vão contrafeitos pela troca de um lar pela outonal temperatura das noites nos jardins, inquietos ex-clientes de comida abundante e aconchegada dormida naquela Hospedaria da Caridade sub-reptícia, mas esses não tardam a esgotar a paciência dos médicos. Esse benfeitor corpo clínico é impotente e inoperante num problema a nível geral, onde as estruturas de apoio à terceira idade falham na sua rudimentar fase de projeto irrealizável...assim, apenas se vão minorando problemas quase individuais num perpétuo adiamento dos direitos básicos. Desses pseudodoentes muitos não voltam, nem deles se ouve mais falar. Outros, acabam por morrer iludidos no hospital com um ténue sorriso nas suas bocas desdentadas. Ninguém irá reclamar os seus corpos cujas ossadas acabam por ocupar as mesas dos laboratórios de anatomia servindo de cobaia às experiências de caloiros despreocupados. IMPÁVIDOS e SERENOS vamos assistindo indignados mas MUDOS às mortes que se repetem, onde, como e quando calha, sem alguém efetivar as reformas de que tanto se fala.

3. ...por falar em reformas veio-me à ideia, a do ensino superior. Qual não foi o meu espanto – há dias – ao passar pela Universidade e vê-la fechada com o seguinte aviso: *"Encerrada para limpezas..."* verdade seja dita que a Reforma tinha de começar por algum lado...
4. Escreveu Roland Barthes: *"O prazer do texto, tal como o simulador de Bacon pode afirmar: "Nunca se desculpar, nunca se explicar". Nunca, nada se nega: "Volverei o meu olhar, essa será pois a minha única negação!" Ficção de um indivíduo (qualquer senhor Teste ao contrário) que por si mesmo aboliria todas as barreiras, as classes, as exclusões – não por sincretismo, mas pelo mero desembaraçar do velho espetro - "a contradição lógica" que amalgamaria todas as linguagens, mesmo as reputadas incompatíveis; que suportaria, mudo, todas as acusações de ilogismo, de infidelidade; que permaneceria impassível face à ironia socrática (levando o "outro" ao supremo opróbrio: contradizer-se) e ao*

*terror legal (quantas provas penais baseadas numa psicologia da unidade!). Tal homem seria abjeto para a nossa sociedade. Os tribunais, a escola, o asilo, a conversação: "Quem suporta sem vergonha ou contradição?" mas este anti-herói<sup>5</sup> existe: é o leitor do texto, no momento em que atinge o seu prazer. Então se desfaz o velho mito bíblico, a confusão das línguas não mais é uma punição, o sujeito ascende ao clímax<sup>6</sup> pela coabitação das línguas que trabalham, lado a lado. O texto do prazer é BABEL FELIZ. Que esse seja também o vosso.*

---

<sup>5</sup> Contre-héros.

<sup>6</sup> Jouissance: Terminologicamente ainda vacilante...de qualquer forma haverá sempre margem para indecisões: a distinção não será fonte de classificação segura, o paradigma, o sentido não será precário, revogável, reversível, implantável

CAPÍTULO 2

**DAS EFABULADAS ETERNIDADES**



**8. e.32. estórias da minha terra. jun. 12, 1972**

1.

endormido corpo de pisar pedras

notívago leito

proibidos sonhos

sensacionalista da miséria alheia

o repórter bateu a chapa

primeira página de amanhã

cidadão-sem-rostos

identificado

o corpo de madrugada  
pagará taxa de turismo

(a cidade

ruas e jardins  
são do povo  
não os usurpem!).

2.

oito anos descalços  
duas estrelas cavas  
na puída esquina  
policromático recorte  
remendos de olhar severo  
faces nuas e suplicantes  
"dois pensos uma c'roa"

(aqui começa

hoje  
a ficção infinda do orgulho  
em destino de pobre)

3.

"quem compra?"  
soletra sem futuro adolescente  
nas novas avenidas da mentira  
fachada de estômago às moscas  
pregando revoltas de dores postergadas  
ilusórios ecos de recusa  
silêncio-da-fome-sem-dias  
perdida pressa de passos  
nem mãos nem afagos

murchas violetas  
cestos de eterna-espera

(decidida  
incisivamente  
estrangulemos esta voz  
pobreza incómoda nos desperta  
compremos um sonho  
já sequestrado  
na-fome-da-ilusão-sem-dias).

4.  
criança sem escola  
também a ti  
interditaram a imagem e o invento  
não vendas  
parcas esmolas em retrato-de-esquina  
apregoa tão-só  
pensos de curar todas as misérias  
árdua aprendizagem do dia a dia  
inditosa saciedade do ócio

(nenhum óbolo  
paternalista  
caritativo  
sofreará o vício de séculos espoliados).

5.  
famílias há  
aos gritos  
morrendo onde calha  
qualquer sol  
qualquer ocaso  
sugadas dia a dia

gratuitamente  
promíscuas enxergas  
moribundas  
subvivas  
sem heroicas gestas  
prostradas  
resignantes

(surdas rebeldias  
assanham-se homens  
assacam-se cães

CUIDADO! silenciam a voz do povo  
com místicas perigranças)

6.  
dileta terra  
aqui o clima  
a natural beleza  
turísticos pósters da indigência  
mascarem-se de pedintes os indígenas  
todos

decorem-se cidades  
ruas  
vilas  
praias  
esplanadas-do-torpor-repetido

depois  
cobrem-se as esmolas  
todas

(milhares de fardas por pagar  
dezenas de conselheiros a engordar).

7.

saudade

palavra rara

sonorífero da vontade

sempre adiada

repartida

palavra antiga

dor nova

(re)fundida

desolados

extensos feudos e baldios

para turista vir-ver-voltar

e já partiam novos e velhos

colonizadores da ambição desvairada

eterna

embaladora

esventravam povos

lendárias famas

viúvas de vivos

vozes de fábula

(no reino-do-clima-do-perpétuo-sol

nunca espantou saber

única

a saudade

- certeza histórica

de todas as cruzadas).

8.

opiados nasciam

analfabetos

ministros havia

tecnólogos da (des)informação  
instituíam concursos  
    festivais  
eleições de misses  
    para as massas  
folclores de aluguer  
    touradas  
    fados  
    mulheres  
  
no reino-sem-esperança  
o povo  
    anestesiado e grato  
bebia  
    o suor  
    calado  
bailava o vinho  
chorava fadas de folhetim  
batia palmas  
    ao sagrado retrato  
insensíveis olhos  
via inaugurações  
    escolas  
    fontanários e pontões  
via casacas  
    ministros  
    presidentes  
    banquetes  
    jantares  
    comemorações

9.  
esqueletos de domingo  
marginais habitantes do trabalho

sem futebol

longa espera

plácida contemplação

perdidos oceanos

da morte mais lenta

sonâmbulos visionários do sacro império

perene destino de colonizadores

bronzeados pelo sol

(pouco e tímido porque grátis)

rastejavam

esmoleres de fim de semana

milionários-da-ilusão-repercutida

heróis-de-todo-o-ano

à conquista de um só mês

(onde o dinheiro para comprar um verão decente?)

que restava senão endormir o desejo insatisfeito?

convictos sebastianistas

do nevoeiro

povo

de discursos ouvidor

de impostos pagador

gente

cantada

decantada

desencantada

escrava-do-sempiterno-senhorio-da-tradição

por que arrastas imagens de liberdade?

promessas que não saberias usar.

10.

vou ficar atento

anfitrião  
alguém pode espertar  
sou urgente para o adeus

(espanto desfraldado  
ingénuo bandeirante  
quem me acredita?)

alguém pode morrer  
defraudado  
longe  
antes do tempo?

NO INSTANTE EXATO EM QUE FALAR!)



9. 281-1 *alquybirismos. ago 5, 1971*

zuniam martelos

de voz sem gente

mudos fantoches

soletradas tradições

sonoras imagens

acidental

(in)organicamente

colorávamos sentidos

(azul – paráfrase de amizade

irisado formigueiro

multiforme

deslizando dos cabelos).

perdidos projetos

no verde espanto

escancaradas

as bocas jamais vencidas

sofríamos sedes

fomes de muitas eras

obrigado

silente

searas esquecidas

de mãos nos cabelos

e foices na alma

tudo de meu passou a nada

exaltados pensamentos

agitantes

aquietavam mordaças  
escalavrados outros  
  futuro nunca o souberam  
imaginavam  
  vaga  
  inseguramente  
  o tempo  
acreditando-se  
  únicos  
  privilegiados habitantes  
  
adormecentes  
  os indeclináveis erros  
ancestrais lutas  
  soterravam  
justificar-se não podiam  
condenados  
  por tribunais do povo  
nada (pre)nunciavam  
  eternos-escravos-do-malquisto-sonho  
  
vogavam névoas antigas  
governados por reis de gaze  
perdidos na poeira dos compêndios  
  sorriam  
entrevados destinos  
  míseras lágrimas  
  párias  
e de tanto esperarem  
  lhes nasceram neves nos olhos  
e de tanto sonharem  
  respiravam vulcões já extintos  
e de tanto viverem

sem o pressentirem

iludidos morreram

ninguém deles

hoje ouviu

defenestradas memórias

colonizadores de paisagens

*10. e.37. tantos os sonhos (a soeiro pereira gomes) mar 16, 1973*

tantos os sonhos  
                                nunca demarcados  
  meu irmão de todo o tempo  
  insubmisso

perseguidos  
                        por uma mancheia de quimeras  
engalanámos as palavras  
                                falaciosas ambições

imensos campos  
                        por habitar  
lezírias de lentas mortes  
                                estioladas

gretava o verão  
                        severos carões

ninguém cuidara  
                        os linótipos esmaeciam

aquosos gradeamentos  
                                da saudade

- era então o tempo –

fortunas dissipadas  
                                amargor de mil cansaços  
  prematura senilidade

febril catarro  
                        escrava luta

cifras  
                tabelas  
                        gráficos

mecanizado o homem  
                                engrenagem-sem-nome

impiedosa e febril cadeia

gangrenosos ossos  
no silêncio chantagista  
se diluía a sobrevivência  
vasta paisagem  
por entre o adobe  
paredes  
quatro  
desfraldadas  
vogando ao vento  
do desprezo motorizado das sanguessugas

## PERFEITA SÚCIA DADE

irrefreado progresso  
civilização do abandono  
deserda-se a agricultura  
cria-se ferro  
cimento  
fome  
tímida e simples  
a voz do povo  
(que ainda resta)  
recusa a caridade  
das piranhas  
secretas as greves  
corrompem a opressão  
selvagens se abatem  
esbirros e lacaios  
  
(ah! como é bom ser-se proletário  
no feudo do patrão)

tu - meu irmão

não assististe  
                  ao mito no apogeu  
de nascença condenado  
                  o sentenciavas  
tuas mãos eram a dor  
                  sempre retardada  
escreviam a agonia lenta  
                  dos que calam  
exultante vitória dos que não consentem

militantes modelos  
                  de rebeldes se venderam  
falsos heróis  
                  covardes de merda  
felizes os traidores  
                  pelo pão nunca trincado  
                  pela carne inviolada e casta  
                  pela fome mitigada

riquezas imensas  
                  saldo de lassos músculos  
quem as ergueu?

imolados os corpos  
                  sem palavras nem gestas  
abatem-se de luto aldeias  
paga-se da fome  
                  a vida  
a salto se emigra  
                  a preço de morte

- decide-te irmão –

volte a nós quem a nós pertence

connosco reagirás

à opulência de discursos em família

- obsoletas conversas que não asfixiam –

repudiamos toda a antropofagia

que nos hipoteca

não os executemos

também eles sentirão

um só dia que seja

um só instante

o vão esforço do suor grátis

nesse dia

urgente e único

inexorável

o grito

então comunitário

então revolucionário

PRESENTE!

para que não morram por desprazer

pelas dores insofridas

pelo sangue ulcerado nunca cuspidos

pelas mãos imaculadas sempre assassinas

revolver-se-ão aposentados donos

deste feudo saqueado

dançaremos o cântico final

apoteose de labaredas

vossos corpos defuntos

serão nossos o chão

a pátria liberta  
a vocação insubmissa

ninguém nos apode de vingativos  
honraremos

das memórias a vossa  
adubaremos das cinzas vossas  
o pão

algo renasce das ruínas vossas  
a esperança

- quem nos confortará  
nesse instante ingente? -



*11. e.38. (ao daniel filipe) abril 30, 1973*

1.

margem insólita de todo o poema  
sempre nos habita

algures

a palavra

gesto

talvez sorriso

familiares viajantes de toda a história  
pairam sobre a memória do cristal  
estrangeiros pensamentos crescem dos dedos  
invadem a casa

lavrando

sonhos impossíveis

atração eternizada nos transcende  
mística magia de rochas por decifrar  
fantasiosas  
oportunistas

divagam

insustentáveis teses

nos zimbórios da retórica

agnósticos

céticos

espraiam-se fervorosos

no grito infeto

a louca viagem

multicolor do tempo

grades de raiva

inaudito flagelo

pregaram às janelas do cérebro

holofotes de cura do sono  
o crime da estátua  
tensas mordaças  
hirtas teias  
paisagens sem idade

supliciarão o templo inerte  
do corpo  
violaram memórias  
confissões sempre retardadas

o ódio calmo  
sereno companheiro

anda camarada  
cospe-lhes o teu sangue puro  
ri-te da dor animal  
mas não lhes perdoes  
mas não esqueças

o tóxico fumo  
da indomável vontade  
cansá-los-á

rendidos  
frustres carrascos  
abater-te-ão

e os dentes que te arrancaram  
e a língua que não te soltaram  
(embora ta cortassem)

e o pensamento que te não aprisionaram  
serão a vitória  
serão a troça

dos teus olhos abertos  
dois vulcões de sangue  
sem vida tos extirparam  
para que morto  
os não fulmines

teus ossos lançados às cinzas e ao mar  
entoam canções heroicas  
também tu és o nobre canto  
resistente

camarada  
nós te ergueremos  
bandeira viva  
é nossa a luta  
é nossa a desforra  
é nossa a trova  
espada deste canto

amigo  
a liberdade te pertence  
a vida te merece  
poema sem tempo  
farpa  
mista voz desfraldada  
livros por habitar  
no mundo-do-sem-fim  
acorrentadas horas  
penosas arqueologias  
rastejantes

subterrâneas as vozes  
nos invadem  
fecundas  
as mãos  
giz  
suor  
ironia despojada de lágrimas  
truncámos a palavra  
deserta  
(in)sobrevivente  
vencida foi  
no letargo da mediocracia.

2.

esgotem materiais e humanos  
atinga-se a inanição  
cooperem operários  
técnicos  
meros observadores  
TODOS  
novos  
velhos  
mulheres  
inválidos  
crianças  
inclusive homens  
(à cause du machisme)

reine a desordem  
e o caos  
não sucumba a vigilância

policias ineptos  
soldadinhos de chumbo

bombeiros de palha  
forças desmilitarizadas

vigilantes  
bufos  
corpo-de-paz

O IMPORTANTE SÃO AS FARDAS!

mobilizados todos

cursos especiais

de desinfestação

instrução de piqueniques volantes

guerra sem cartel nem quartel

até se estropiar a ORDEM

(abolido temporariamente o trabalho)

é perigosa

anda protegida e bem armada

(ao que consta

de fontes fidedignas)

o serviço nacional da malinformação

atento e venerando

tv

jornais

cinema-novo

teatro-de-vanguarda

convocados

haverá comunicados horários concisos

texto único

congressos-mundiais-de-combate-inútil-reunidos

(o debate é a base de toda a futilidade polemista!)

imperioso manter a população

hibernada

estado-de-sítio

recolher obrigatório

em todos os bordeis e lupanares

acerada vigilância

abolida a privacia

e a intimidade

vasculhadas pessoas e haveres

obstruam as ruas

com barricadas de papelão

(inauguradas em direto pela tv)

idades

estradas

portos

marítimos e aéreos

espiados

como rezam as tradições

francas das fronteiras

(a burocracia ocupar-se-á do restante)

antiguerrilheira e apátrida

- infiltrou a ORDEM -

teve o apoio de minorias já detetadas

condenada ao malogro

cresceu  
e se fez gente temida  
racionados viveres  
por estratos sociais  
senhas e talões  
no mercado negro  
dos *intelligence services* locais  
amestrados cães pastores  
vigilantes  
rebuscam residências  
a elite comunizava livros proibidos

o tesouro com poderes supranormais  
emitia metal sonante  
descongelados salários da administração  
fomentada a espiral inflacionária  
falidos pequenos e médios empresários  
monopolizado o grande capital  
o país crescia  
sólido e inabalável

a ORDEM enaltecia a família e a religião  
sem amigos nem-conhecidos-de-café  
ninguém afrontava a pública militância  
viajava-se nos coletivos  
preferencialmente amarelos  
desajustada tendência aos discursos  
do grão-mestre

impostos pagos  
residência nos subúrbios  
débitos ao merceeiro  
jogadores fortuitos de totobolas  
- apostas simples –

horários fixos por contratos coletivos

os católicos de domingo

funcionários devotados

soletravam o respeito

honestos e pontuais

sem ambições viviam

orgulhosamente sós.

- então chegou o tempo das flores –

maculado o vernáculo solo pátrio

desmascararam-se abusos

de vítimas nenhuma

sufocaram-se greves

carregou a polícia de choque

prisões maciças

sem culpa formada

torturas

deportações

nada foi eficaz

o poder legalmente constituído

autoridade irrefutável

caiu

sem pretensas liberalizações subversivas

debilitados os poderes cívicos

a elite dirigente escoiceada e depurada

- (eram homens públicos de muito mérito!) -

foram traídos pelo povo



a quem não serviam  
reconheceu-se autoridade à ONU  
entabularam-se negociações com terroristas  
(até então guerrilheiros sem pátria)  
ignoraram-se imaginosos esquartejamentos de brancos colonos  
e a terra una  
    multirracial porque discriminatória  
    pluricontinental porque imperialeira  
finalmente hipotecou tradições balofas  
enterravam-se prósperos futuros planejados  
  
(o presente era de crise  
mas as previsões mentiam seguras)  
  
aprestado o ajuste de contas  
    alguém houve  
pagando com a vida  
    morte  
    ou o que preciso fosse  
demolida a ameaça  
    pela população gentia  
brotou a voz uníssona e liberta das massas  
milhões de vidas salvas  
    antes de contaminadas  
  
nascia um jovem continente no velho mundo.

*12. e.35. a um natal que nunca chegou a ser. dez, 26. 1972*

algo sem nome, premeditado (como quando se vê um boneco de barro decapitado),  
agitava-me pelos milhares longínquos demograficamente mortos no cataclismo  
nicaraguano.

correndo, desenfreado, retomava consciência do meu corpo, ofegante.  
parava perscrutando o brumoso ar que a cidade me reservara: sempre igual, monótona, saturante.  
virava costas, enganando-me com um qualquer sorriso de ocasião (dos que chegavam apócrifos e vinham pousar nos meus olhos desencantados) e seguia, buscando na extremidade dos meus sapatos uma solução: a resposta.  
caminhava, alheado de mim e da catástrofe, as respostas variavam obcecantes – vãs esperanças em cada passada – à distância exata de mim próprio.  
pontapeava uma razão nova, uma ordem nova por entre a terra enlameada (chegaria muito mais tarde).  
atitude política – diriam, mais tarde, os carrascos do tribunal das ideias repetidas – mas, foi assim que [em 1972] cheguei à idade de 23 (vinte e três), já o vento da insatisfação varria a casa estranha da experiência por soletrar.  
transido chegou dezembro como quem anuncia a lua nova, o natal, porquê negá-lo? havia luzes, é certo, um pinheiro engalanado como quem quer depor palavras gastas, nunca inventadas (afinal, sempre existiram).  
tudo era decalcado, espelhado, até mesmo os sapatos na chaminé-mistério, não fossem os miúdos desconfiar...  
nascia revivificado um sorriso arrancado à força, as frases de ocasião e o mais.  
no entanto algo destoava – talvez eu – naquele universo de múmias empoadas, até meus pais quereriam sentir-se diferentes mas não conseguiam, apreensivos, por todos os natais arderem tão depressa, impiedosamente.  
tudo me irritava, músculos faciais contraídos (seria aquele o sorriso próprio?), acabrunhado pelos bolos, pelos doces tão tradicionaizinhos, tão habituaizinhos, tão sem-senso.  
no instante futuro dei comigo do lado de fora, especado de pé à porta, como um estranho, nunca como mendigo pois é aviltante pedir no natal, usufruindo da pseudo-tomada de consciência dos incoerentes habitantes-do-dia-a-dia.  
jamais esqueci o horror, a afronta sacrílega de ter saído na mais bela noite do ano, de amor e compreensão universais, blá, blá, blá e blá.  
andei à sorte, nem sei já por onde, em que nuas e ventosas calçadas e ruas.  
nem um só café aberto aquela hora, era natal e eu só na cidade sem rosto, só com os meus passos vagabundos errando sob catadupas de luz.

nem um carro, apenas aqui e além o alarido quente de casas habitadas.

até os pobres haviam emigrado.

desci até à baixa, lá onde as pessoas e as gentes se acotovelam pejando ruas e passeios durante o dia, e nem um guarda-noturno (será que os ladrões não comemoram o natal?), nem um lixeiro, nem um bêbedo, ninguém da fauna costumeira.

num solitário banco de madeira deixei que o tempo voasse sobre nós com aquela carícia quente de quem já não mede.

indiferente ao frio pensei, deitei contas à vida, senti-me infinitamente minúsculo ali no centro da minha curiosidade, da minha sinceridade ofendida.

ergui-me (muitas estrelas haviam já aparecido e passado sobre mim, alheadas da data-estátua-de-todos-os-calendários), voltei a casa, mãos vazias e vagas, todo eu me desvanecia na conclusão a que chegara.

em casa, as pessoas endomingadas, caras alegres, cor de tição (ou seria carmim?), o bom fogo, a alimentação farta, as conversas amenas e despreocupadas de natal (que tal achas o meu vestido para a "passagem"? as notas do ...inho foram muito boas e as tuas ...inha?), por vezes a puxarem ao sentimento (quem sabe onde estaremos nós daqui a um ano?), para resvalarem até à queixa familiar e improfícua da enorme subida do custo de vida, etc.,.

então, não sei bem porquê fiz-lhes sentir que já nascera e estava ali acordado, discuti com raiva, berrei (talvez tenha também falado), gesticulei enquanto me deixaram, agitei as pseudotranquilas consciências, adormecidas pelo calor de rebanho que ali eram; gritei tudo o que era verdade e haviam calado, afirmei direitos, incongruências, apelei para a falta de senso de semelhante reunião onde tudo cheirava a mofo (até as ideias), falso e malsão, derrubei as fachadas, as palavrinhas doces (próprias das sobremesas).

vi os rostos animados e alegres transfigurarem-se, afogueados, incomodados – quase até à congestão – ai, cambaleei no ardor excessivo da nova luta e calaram-me, isto é, calei-me, esgrimira sozinho até me sentir acochado e ninguém me perdoaria por ter despertado o que se esforçavam por manter em permanente letargo.

jamais esqueci esse natal, o primeiro, talvez único, em que senti a plenitude do seu significado.

era como ver presépios nus, árvores tão-só árvores, homens sem roupagens de fingimento, sem esses falsos trejeitos de fraternidade, sem caridade instituída por calendário, derrotados, amarfanhados como se fossem homens – nada mais.

vi-os a todos vencidos, como maus atores, péssimos amadores sem terem ensaiado a peça que só é levada à cena uma vez ao ano, e, conscientes da exigência do público sempre predisposto a deles exigir tudo.

foi um dia, talvez igual, mas um natal diferente sem esoterismos, mas mais sentido na sua milimétrica dimensão.

nesse longínquo ano não nasceu o menino-jesus para eterno descanso do homem, nem houve um pai-natal descendo da chaminé, foi um dia (de natal) como todos, triste...morrera apenas uma decrépita tradição, ultrapassada pela rotina de cada dia, com a beleza gasta dos astros que não brilham porque incansavelmente lutam pelo direito à vida.

para além do espanto amordaçado às bocas estarecidas, para além da incompreensão, as crianças ficaram marcadas, perdida que foi a ingenuidade, não pularam, nem tampouco gritaram de alegria.

as prendas pareceram muito mais modestas (aliás, pareceram ter o seu valor real e exato), as caras, outrora gaiatas, moldaram-se fúnebres, enquanto as cabeças abanavam lentamente (último refúgio), para não aceitarem o pesadelo, um estranho (já não eu) romperá as tréguas do natal, algo se perdera para sempre, talvez a quase-sensação de paz eterna e imorredora.

hoje, já quando a voz se me entarmela um pouco ao peso dos anos (consumidos numa voragem acelerada) escuto um quase-vazio dentro de mim, como um tremendo "punch" por ter perdido o meu natal.

lá fora, a vozeria, a alegre música da exaltação infantil, movimento desenfreado perpetua-se a data-acontecimento, as ruas regurgitam, há crianças impacientes e ainda ingénuas (até quando?) que anseiam pela hora sagrada de descobrir a chaminé como fonte de mistérios dum só momento.

algures, longe no tempo ou no espaço, outras combatem uma qualquer guerra sem idades, ou choram à chuva, ao frio, ao medo e ao vento seco da fome, na ignorância dessa palavra quente e mágica: natal.

tiritam, unhas fincadas na pele que escorre dos dedos, ossos sorvendo o calor das pedras e dos remendos multitudinários.

hoje para elas é dia de jejum (mais um!) porque ignoram que não é Páscoa.

só amanhã ou mesmo já logo pela madrugada haverá restos nos latos de lixo (para elas é sempre amanhã, é amanhã a resposta única que a esperança tem para calar o hoje).

também hoje morrerá gente, para sempre, aqui ou na Nicarágua, em guerras, calamidades, acidentes ou incidentes, do mesmo modo que naquele já longínquo ano morreu a tradição.

por tudo isto, estou mais só, triste e apagado: a partir de hoje já não tenho natal.

### **13. e.10. diariamente noticiários e poemas inconsequentes, mar 1970**

1. previsão até às 24 horas de amanhã: céu muito nublado, vento fraco ou moderado de sudoeste, períodos de chuva fraca a norte do sistema montejunto-estrela, condições favoráveis à formação de nevoeiros durante a madrugada e começo da manhã.
2. chegam mensagens na manhã, húmida e viscosa. ondas das longas terras de áfrica embalam corpos esquartejados.
3. parte do cais do Sodré no próximo dia 13 mais um contingente de tropas em missão de soberania
4. em visita à expo internacional de osaka parte hoje, acompanhada de seu marido a senhora de...
5. ponto morto nas conversações unilaterais de genebra para o 100º acordo de paz.
6. mensagem de páscoa, praça de são pedro, roma: milhares de fiéis escutaram hoje a exortação de sua santidade o papa à paz ilimitada, ao fim das guerras, da fome e de todas as misérias que empalidecem a missão do homem à face da terra.
7. o fbi alarmado com a crescente vaga de crimes aumenta os seus efetivos criando novos corpos de luta contra raptos e corrupção política.
8. integrada no plano mundial de reabilitação do movimento hippie, os fleumáticos londrinos assistiram hoje à proclamação de independência de king's road e carnaby street.
9. segundo decisão da i.a.t.a. foram boicotadas as viagens aéreas após o desvio de mais uma avião para cuba. os passageiros, incólumes, à aterragem em la habana foram condenados a recuperarem a sua liberdade em junho próximo após colaborarem – gratuita e ininterruptamente – nas colheitas de cana de açúcar onde os atrasos provocados pela falta de mão de obra provocaram uma situação caótica nos mercados internacionais. este foi o 49º avião desviado desde o início do ano.
10. fim de uma era. rudolf hess não será libertado. na realidade, nem sairá da prisão de spandau após a sua morte, segundo um comunicado conjunto das potencias aliadas.

11. violento sismo abalou, de novo, Portugal naquele momento submerso em intenso nevoeiro. Para quem esperava Dom Sebastião a desilusão – de barcas só a de Caronte (433 mortos apurados até ao momento, as buscas por sobreviventes prosseguem), há milhares de feridos e desaparecidos. São incalculáveis os prejuízos materiais, ignoram-se dados quanto ao número de desalojados, tendo sido criados subsecretariados especiais de auxílio às vítimas.
12. após os ibos, curdos, afrossudaneses, novos massacres. O povo khmer está envolvido em feroz luta com as forças governamentais...
13. céu muito nublado, vento fraco ou moderado de sudeste....

***14. e.9. para uma história parcial que fale de homens. fev 16, 1970***

(ah! se das mãos  
dos pés  
brotassem raízes  
ah! se das raízes  
dos troncos  
pendessem espojos!)

enquanto a teu lado  
um ribeiro tranquilo  
correr placidamente  
as águas serão rubras

se fechares o sol  
se do alto brotarem palavras  
e enquanto ouvires acusações

tapa os ouvidos com um estampido  
(se um não chegar  
usa indiscriminadamente os necessários)

se os clarões da verdade  
a que chamam dia  
não te ofuscarem  
e a inóspita treva  
batizada noite te não assustar  
então como irás aniquilar  
a guerra que te intimida?

se te servires do ribeiro fertilizador  
pode acontecer ao pão colhido  
ser adubado com sangue  
e as terras aradas darão frutos esquissos  
com sumo de ideais falhados  
cascas de suspiros de paz  
e sementes metálicas

(as mesmas que ouves sibilar em dias de sol  
por entre o canto silencioso das cigarras)

nas searas e nas vinhas  
não cheirá a suor  
enquanto arremessarem impolutas granadas



como grainhas de espontânea geração

do fogo nascerá o caos  
reordenado com lágrimas ressequidas  
com cantos de vindima celeste  
então

sobre o restante  
se debruçarão os sábios  
e falharão

não mais se saberá  
nem ouvirá falar

de HOMEM:

*15. e.13. reconstrução dos livros, dos dias, das pessoas, abr 20, 1970*

divago  
por entre livros que me enfadam  
ergo os olhos e espraio-os  
através dos vidros  
tentadores  
em frente a mim.  
com a curiosidade mesma do biólogo  
sobre formigas debruço-me sobre a varanda  
uma a uma disseco as pessoas.  
há muitas e variadas  
com um traço comum  
passam na minha rua  
a mesma hora nos mesmos dias  
outras – mais – dão-se ao luxo de escolher  
e sobre elas aponto dedo acusador  
como quem as marca, e marco mesmo.  
escolhi mal prefiro as que passam  
nos mesmos dias às horas mesmas.

1. criadas que se evadem apenas por momentos à sua condição para calarem mais fundo a liberdade que não têm
2. operários (de cara alegre?) cansaço às costas rumo ao trabalho, esquecendo a certeza única e acusadora do amanhã
3. chefes de família inconturbados por quem o mundo passou sem nada fazerem para o deter, quando o descobrirem não serão as mulheres quem lhes atirará à cara palavras duras como o aço e marcantes como o fogo
4. empregadas comerciais que vivem vendendo sorrisos na espera angustiada e desesperada de um milagre que não sedará, deitando-se sempre na certeza de haver uma fotonovela para lhes enganar as misérias
5. comerciantes pequeno-burgueses sem chinó nem bigodes revirados como no tempo do eça, intrinsecamente iguais aos de ontem, anteontem, de sempre, na ávida sofreguidão de um lucro na despótica ocupação de escravizar tudo e todos à hipotética imagem da felicidade pelo dinheiro

6. funcionários pacatos que pacatamente arrumam uma vida – a deles - como quem amarra contratos eternos e pacatamente se recusam a melhorar na ânsia de pacatamente cumprirem os pacatos regulamentos até que o pó que os cobre os enterre a eles no pacato esquecimento da morte macaca e pacata.

*batem à porta do quarto  
num sobressalto  
caem sobre o pavimento  
as figuras que – uma a uma – recortara  
lentamente deixo cair os olhos sobre os livros  
repondo com voz de enfado e levanto-me  
depois à mesa de jantar  
cansado, queixo-me  
estou cheio de estudar*

**16. e.15. crónica do quotidiano 2, junho 11, 1970**

na madrugada que comigo se cruza, todos os dias ouço passos nas ruas vazias repletas de silêncio.  
estugo o andar e continuam a martelar-me as passadas, agora mais rápidas.  
o céu começa a raiar-se de luz, noite ainda.  
a cinzenta fachada dos prédios fechados e mudos.  
um ronronar contínuo acompanha-me.  
a brisa levanta papéis.  
uma cidade suja e calada.  
nem gente (daquela que trabalha de noite para os que vivem de dia), nem carros, só os passos que me confundem.  
os lampiões são gotas de luz que salpicam as trevas. num portal, uma sombra estranha. assusto-me.  
um vagabundo a repousar. é de estranhar depois da inflação dos bancos para toda a gente.  
uma fila longa de carros escuros, parados, aproxima-se à medida que caminho.  
meto as mãos nos bolsos vazios ou quase (não assobio porque não sei). tiro duas moedas: 1\$50.

o preço conformado com o descanso vê-me seguir, e passar pelos táxis frios no anonimato da noite. luzes que acendem. que apagam... luzes que acendem, que apagam, que acendem, que apagam. que acendem. que apagam. . . QUE ACENDEM. QUE APAGAM. QUE ACENDEM.

uma loucura para os olhos cansados de mais um dia, com mais de 24 horas. as horas que, minuto a minuto, segundo a segundo, escorrem lentamente por entre os movimentos que faço. continuo o meu passeio forçado, voluntariamente aceite no meu regresso a casa. atravesso agora outra rua deserta e vazia como todas ou quase. os cláxones, o fumo, o pó, as marcas no asfalto, os irrequietos peões, as crianças, os velhos, os carros, os camiões, o sinaleiro ou o semáforo vermelho. indiferente, atravesso na certeza de o espaço estar noutro tempo. guardo para amanhã estas impressões sobre o transito (diurno). e as passadas, uma a uma, certas, cadenciadas como o bater do relógio, a perseguirem-me. vejo mais reclames luminosos. PENSÕES. DORMIDAS. ah! como me apetecia ficar já aqui, se não fosse aquele reboliço lá dentro, aquele vaivém contínuo, numa atividade febril quase diurna, igual a tantos sítios em tantos países., sem remédio porque não é uma doença, ou então teriam de exterminar quase metade da população. olho para o relógio – 5 e meia, o céu mais claro, chego a casa para descansar. meto-me na cama, nos lençóis quentes, o cheiro a gente, a vida, à mulher desconhecida que dorme ao lado. esqueço os passos que já não ouço. passados instantes já ressono. 8 horas, saio de casa, o mesmo trajeto de ontem, de sempre, um formigar de gente igual com as faces marcadas na vontade-livre de trabalhar por imperiosa necessidade de sobreviver. um dia mais que escorre e se escapa por entre os dedos abertos das mãos fechadas. as horas extraordinárias. o cinema. a televisão. o automóvel. os eletrodomésticos. a ambição.

a morte.

mas antes o rotineiro dia a dia, aniquilante, com a noite a entrar no dia deliberadamente e a mulher com quem se casou – a desconhecida com quem se dorme.

os filhos que se têm e não se veem e que estudam – ou deviam estudar – para trabalharem menos que os pais, ganhando mais do que os avós.

e as marteladas dos passos no ouvido, uma noite, uma vida inteira, até que cansa os próprios pés.

nessa altura, cansado de tudo e todos, a decisão que se toma.

a mulher, os filhos. a miséria. o paraíso dourado da estranja. as maçãs do paraíso com sabor a desilusão, um regresso. uma volta ao lar, à mulher, aos filhos, ao desemprego, ao desespero.

até que um dia levem desta vida as passadas, aquelas incómodas e perturbadoras.

martelarão mais tarde no ruído intenso das 15 h., passadas de vultos negros. chapéu na mão. o chiar da carreta.

as flores que se apanham do chão.

os filhos que choram.

o movimento intenso, os cláxones, o fumo. as marcas no asfalto, os peões, as crianças das certezas tristes, os velhos, os carros, o camiões, o sinaleiro e o semáforo verde.

CAPÍTULO 3

**DAS DIVINDADES**

**às TRÊS IDADES DO HOMEM:  
do sonho, da corrupção, da morte**

*17. 408. carta aberta dum condenado. abr 24, 1972*

petrificado hábito

caos absoluto

a piedade não acalenta

friezas judiciais

...

...

espera longa de inúteis cansaços  
nas grades silenciadas  
sem arrependimentos – remorsos  
soledade refratada de rancor

...

...

solidão  
guindaste imenso movendo-nos compassado  
erguendo premeditadas reformas

...

...

criminoso

assassino

gangues de homem antepassado  
crivando de insultos a rotina  
incandescendo ultrajadas almas  
com a música mística das pedras que não cedem  
- não partem nem cedem –  
marginal habitante do pesadelo  
soletrando como vos dói estarem vivos  
ignorando porquê  
nesse ofício de nada criarem  
nem mesmo a morte a que me condenaram

(insensível  
mentalizado

já a ela tinha direito  
desde o ato de que nasci!)

crime

o que é? para quem?

a sociedade que integro como júri

tornada juiz de mim?

todos lhe demos forma

significado

eu

os outros

a vítima de mim

sou deus de mim próprio

e os deuses não se condenam à morte.



## do sonho

### 18. 414 a poesia é uma bola sempiterna (a antónio gedeão) mai 27, 1972

*(a poesia é uma esfera sempiterna  
máquina de fabricar sonhos  
semovente tablado dos dias  
a António Gedeão  
poeta e homem)*

a esta bola colorida  
deslizando frágil  
irisado vitral da imaginância  
devo o fugaz instante  
combustão de amor  
em pedra dura – CASA  
- MUSEU  
- AQUÁRIO de mim mesmo.

circundo a cabeça  
sórdida aldeia  
no sonolento cenário  
a sibilante esfinge  
imponderal contraponto  
na superfície do eu  
no palco do centro  
rolantes águas se projetam  
contra as paredes do corpo

- (há um eu a boiar dentro de mim!) –

esfera colorida  
nas mãos de uma criança

verso branco da ideia  
refulgente íris de mil sois  
na refração do instante  
boiam gemidos nas esporas da canção  
livres margens da poesia  
sem forma nem lei  
aparente alfabeto  
sem adornos de lua velha  
bola colorida  
matizada  
cintilante angústia  
ora me choca  
ora me afaga  
inquebrantável raiz de não ser-só  
adolescente apoteose  
coruscante liturgia  
apunhala a garganta do grito  
saber dos outros  
a opaca sinfonia  
lá fora  
no mundo longe  
ascendem clamores  
deliquescentes compassos  
e o ator sou eu nesta CASA  
MUSEU  
AQUÁRIO de mim mesmo.  
isolado  
mudo e suplicante  
sem gritar que existo

só  
memória de invenção antiga

EU (o) DEUS DE MIM PRÓPRIO

*19. e.16. vem correr comigo (à bi rua) jun. 11,12, 1970*

vem correr comigo. cabelos soltos ao vento.  
pernas fustigadas pelas espigas, como um poema lançado ao fogo.  
o cheiro a campo, a feno.  
calma na aldeia. os campos povoados.  
gente afanosa de um lado para outro.  
o que se semeia. o que se colhe.  
as terras adubadas pelo suor.  
as mãos calejadas pelo trabalho.  
o pó a entranhar-se nas rugas da cara.  
os dias belos, verdes e azuis, cinzentos, iguais a tantos.  
os cães ao longe guardando os rebanhos.  
a fome e os verdes prados.  
o sol a pino, como pá ou picareta abrindo estradas,  
fazendo brotar água das f(r)ontes dos lavradores.  
a brisa que não corre.  
a sombra que se escolhe para a merenda frugal.  
comida de crianças para homens feitos.  
de novo a enxada até sol-pôr.  
vidas penhoradas por frutos que não serão colhidos.  
ao longe passam carros sibilantes.  
por cima enormes monstros dos ares  
atroam a calma, violam a aldeia. o sino assustado repica a medo.  
pendurados nos fios há pardais. colocadas nas fundas há pedras.  
as velhas sentadas ao sol que entra nas portas abertas.  
enxameiam moscas. crianças chafurdam na lama.  
cães encostados às próprias sombras  
sacodem as moscas, coçam as pulgas  
(em todas as elites sociais há parasitas!)  
cabeças se movem inquisidoras  
dos lábios o cumprimento-saudação  
oculta comentários inconvenientes. fica a pairar o murmúrio.  
chapéus nas cabeças, mãos que se levam ao chapéu.

e nós só queríamos os verdes campos  
a vontade contida de correr e saltar  
a liberdade dos pássaros-homens  
dos homens feitos pássaros.  
as noites claras e límpidas.  
as estrelas no alto como teto.  
nós sentindo a terra pulsar sob nossos corpos.  
com um frémito  
percorrendo as suas formas, o seu calor.  
coladas as bocas, juntas as mãos  
o nosso bafo entrecortado  
por teto as estrelas.

***20. e.17. para uma canção triste de embalar (à bi rua) jun 26, 1970***

não vou falar de ti, de mim ou de nós.  
vou cantar uma história de embalar  
quando as pessoas, por exemplo, no alentejo  
tinham as costas vergadas  
as caras rugosamente marcadas  
e o bronzeado de muitos sóis  
mãos ásperas mas fortes de homens

- não vou dizer que eram fortes como as certezas  
mas direi que a vida vivia lá  
por entre os vagarosos extensos campos  
mudos e cabisbaixos como os homens  
que adormeciam entoando hinos às estrelas  
eu e tu dormíamos sob um branco teto –

homens para quem as estrelas entoavam cantigas de embalar  
a vida igual e os homens os mesmos  
indiferentes chorávamos os nossos problemas

falávamos mas nada dizíamos  
as nossas palavras lançadas à terra não germinavam  
as searas dos nossos atos sem espigas para colhermos  
o pão que amassávamos era feito de pedras  
que tínhamos em lugar de corações  
os homens calados e taciturnos continuavam  
embalados entoavam cânticos  
à paz universal no meio do silêncio  
enquanto os campos se agitavam  
as pedras floresciam e os regatos iam alegres  
gargalhando segredos jamais pronunciados  
eu e tu sob o teto branco por céu  
e os homens que então havia dormiam  
embalados pelas estrelas  
as nossas mãos macias e aveludadas  
o ar cansado e os olhos profundos  
faziam rir de pena homens e mulheres  
pelo choro dos nossos problemas  
- esta a canção de embalar –

súbita e simultaneamente surgiu do nada  
um metralhar impiedoso  
ceifado o sangue saía em borbotões  
das bocas abertas mas caladas  
como balões vazios ficavam os sonhos  
para quê então uma canção de embalar?

entoemos em uníssonos, uma última vez  
esta trova de ninar.

**21. e .19. sei da tua vinda. set 3, 1970**

*(sei da tua vinda próxima  
as palavras pesam como chumbo  
e as ideias vogam ao sabor da brisa*

*do pensamento,  
amor)*

1. as árvores sacolejam as folhas  
amarelas caem com estrépito  
os ramos escorridos começam a desolar,  
erguidos numa súplica inatendida  
é a vez do homem (criador-de-mitos)  
destruir os oráculos e apedrejar os deuses  
por que o homem (criador de ritos)  
não tornará a habitar as árvores.

a árvore-monumento  
estatua perene da sazonal existência  
os pingos pendentes na face enrugada  
como lágrimas em olhos cerrados  
a boca emudecida mãos enclavinadas  
contra o céu dedos falhos na terra-lama

2. ao procederem a escavações do novo arranha-céus  
encontraram raízes de árvores de boca aberta e calada  
e o desespero nos olhos semicerrados  
e os dedos fechados numa angústia de derrota

3. anos idos no mais alto terraço  
do cimento brotou árvore sem raízes  
à sombra do sol cansado de inverno  
cinzento do cérebro dos homens  
um dia nasceram raízes no concreto  
pintaram letras proibidas em silêncio  
no meio das tuas palavras e risos  
sem lugar para mais ninguém  
(a felicidade é isto  
um bem que vai e vem,)





*22. e.28. o calor das pedras, set 16-17, 1971*

1.

nas latas altas onde coabitas  
cheiro de gente de trabalho  
caixas de odores  
com eles te misturas  
ofuscando olfatos  
cansados  
                  insensíveis

2.

deitados no calor das pedras  
ao vento ou rumor do silêncio branco  
habitando a casa do corpo  
lá onde a mão se abre e vai  
e os pés gelam na montanha  
viva com sabor a terra nua  
as ervas flutuam em teus cabelos  
como em bocas de fome e frio  
o olhar errante  
                  luminoso  
                                  inflamado  
neste corpo-não-sonhado que ondula  
como ilha ou vulcão

3

a boca que na boca tenho  
não me diz como és  
se corpo, se coisa, se pessoa  
a mão tremula te percorre  
hesita pela resposta muda  
entre ter-te e não

hesita no abismo dos olhos  
enquanto nasces (ou não) decido  
bebo as ondas vivas do teu ser  
tecendo o momento vibrante  
fogo, rio, oceano  
árvore aberta num murmúrio  
pela nuca, sexo, ancas  
música mística suave sussurro  
sem luta depões as armas  
linguagem despida de árvore  
apertas o chão onde cáste  
desprendes o vaivém de mãos  
resta a noite e a terra  
e as formas já caladas  
por entre o silêncio  
de raivas penetrantes  
devorando este momento novo  
bocas silentes ventres em fuga  
corpos em ondas de suor

4.

com dentes curvos de derrota  
cravo fundo

na pele do desespero

olhos gaseados

dedos enclavinhados

serena assistes com sorriso mordaz

trincas os lábios empolgada

compões o cabelo já composto

o sangue escorre em gotas

mancha na verde alcatifa

o telefone zunindo ao longe

mesmo que o desespero deixasse  
a mão não o alcançaria

ris-te sem disfarçar  
pedes que te agrida violentamente  
não te darei essa satisfação

o telefone retine insistente  
a mancha alastrando

o teu sorriso baila nos lábios sensuais  
meus dentes fitam-te com desejo incontido  
enquanto a loucura se apossa de mim

tu sorris incrédula  
excitada pela sensualidade  
dominas tudo e todos

sabes que a loucura e a violência  
rios de forte caudal desaguam  
em cascata certa nos fracos  
falhados e submissos

o teu corpo esquiva-se sempre  
perante esta impotência alheia

sublime e inconquista  
te levantas e saís

alagado em suor acordo  
ainda e sempre este pesadelo  
sem consumir a nossa boda.

***23. e.29. cenas de cidade, set 24, 1971***

1.

por vezes vemos faces curiosas, rugas e cãs a assomarem às janelas, enquanto dentro do elétrico nº 214 vamos percorrendo as ruas e imaginado com fértil imaginação esse catalogo de pessoas idosas, sem filhos, viúvas (a grande maioria pela forma como vestem), fechadas num mundo a que chamam casa, limitando-se a esperar com paciência o dia em que deixarão de ser.

até lá matar-se-ão aos poucos com o sopro de vida que ainda respiram enquanto se amedrontam com o que se passa cá fora. outras haverá solteiras, há muito habituadas a partilharem a solidão com inofensivos animais domésticos, vítimas de carinho e amor excessivos não extensivos a outro ser humano. sempre que passo por essas personagens velhas de olhar triste e vago, começo a imaginar quantas historias não teriam ali para me contar, histórias de amor, de famílias felizes que nunca chegaram a ser, mas contento-me – como membro da sociedade protetora dos animais – que nunca tenham sido.

2.

enquanto pachorrentamente o elétrico vai percorrendo esta cidade velha olho os jardins plenos de viço e calmamente passeio pelas sombras sob as quais se abrigam jovens enamorados, amantes com medo que o mundo acabe já, para quem mais ninguém conta num egoísmo de corpos que se encontram.

mais adiante, à soleira de uma porta (prédio escurecido pela idade e pelas rendas fixas) numa irreverência profunda de bocas duas bocas unem-se num beijo prolongado enquanto as mãos – distraídas – buscam um pretenso porto de abrigo. lá fora passam carregadores numa qualquer estiva, gente e mais de trabalho árduo, que param e comentam, afastando-se lentamente com anseios de escândalo bailando nos olhos lúbricos. para os que insistem em ficar especados às portas há sempre uma ou outra careta grotesca do par. mais adiante nessa mesma rua há uma construção cinzenta pouco acolhedora onde se asilam sonhos desfeitos de pessoas cujo fim chegou antes da data marcada, muito antes, muito antes da morte.

nesse albergue de fome e frio as almas que esperam morrem lentamente de miséria, sem coragem para enfrentarem a esmola e a incerteza do dia a dia. para eles e elas a esperança é vã e a assistência social à terceira idade é um mito sob o qual nem abrigar-se podem.

3.

foi neste albergue que muitos anos passados, reconheci o par do portal com as mãos enrugadas, a pele mal segurando o peso dos ainda magros ossos, olhos ainda não apagados sobre bocas murchas, e as caretas que neles notei já não eram de escárnio nem de sofrimento, mas de um longo e resignado amor na pobreza. por vê-los assim e por ainda acreditar no amor decidi não mais andar neste elétrico.

### da corrupção

#### *24. 381.2 o homem corrupto. jan, 19, 1972*

o homem corrupto comprou o país  
praças de estátuas inúteis  
coutada de privilegiados  
alfobre de ineptos  
  inaptos  
macabros torcionistas da verdade

composto o hino  
  pacífico e marcial  
como convinha à nação  
instituíram-se feriados  
  políticos  
para saciar povos de aclamar

o homem corrupto comprou o rebanho  
alimentou-o de fome e fé  
vestiu-o de preconceitos tradicionais

encurralado nos desfiladeiros da mentira  
 torturado pelo opróbrio da grande farsa  
 silenciado pela humilhação da grande fraude  
 o senhor partiu  
                   isolou-se  
                                   orgulhosamente sátrapa  
 do seu antro  
                   ditava ordens incongruentes  
 colhia fundos e mundos  
                   entesourava  
 a nação enriquecia  
                   à custa do seu suor  
   e era pouco  
 hipotecou o seu sangue  
 lá fora no mundo  
                   que avoengos construíram  
  
 a mudez era enfrascada  
 sujeita a análises laboratoriais  
 imperava o silêncio total  
                                   absoluto  
 e a polícia  
                   de si própria e dos outros  
 caçavalouvaminhas incosequentes  
  
 o homem corrupto morreu  
 deus-de-si.-mesmo-e-dos-outros  
                   nem todos  
  
 além das lágrimas extorquidas à fome  
   ao desespero  
 intelectuais,  
                   homens-de-bem

sonhadores e utópicos  
viram chegada a sua hora de ação

(presos por motivos políticos

TODOS

foram executados pelo novo tirano).

*25. e.30. crónica do quotidiano 3, memórias de guerra. set 24, 1971*

1.

o general medrou no instante obsceno  
imponderável espelho de todas as ambições  
rosto ou eco de mim próprio?  
espio o calendário esfolhado  
horas desertadas num véu sem mistério  
em cada janela do tempo

(a cada momento

todo o ato  
é desnecessário)

senhor general cuidado com os vidros  
monoculares olhos de todas as guerras  
dança cadeira menina  
regressa a ti própria  
onde jamais habitaste

suspenso do fumo  
ardente farda  
iridescentes fogos  
incandescentes celas nos abrigam  
pendular impaciência  
sôfrego macho  
na berma da estrada o duro leito  
longa viagem sem retorno  
inventam-se vitórias, árduas escaladas  
com timbales e campainhas  
tímidas carícias proibidas

ei-la que entra  
banal gesto alugado ao corpo



já o velho murmura afagos  
esponjosas carícias imaginadas  
trémulas mãos sujas  
de sangue inocente  
preço injusto de algumas fomes

soergo a cabeça e pesa-me a rua  
desabam mundos na chávena de café  
sorvo sensual boca de muitas esperas

adejam aves sem nome  
mirradas folhas de oculta metralha  
mutilada cor de muitos mapas  
esvaziada a memória  
de cansaços muitos  
adormece agora saciado  
generalzinho de merda  
não trinques dedos de infindos medos  
truncando o campo  
espaço de mortos  
inumanos gritos de estertor  
saíram à rua os fantasmas

e agora?

para quê a pistola senhor general?  
deixe-os visitar o calendário  
não regressarão aos ataúdes  
soam alarmes em tantas cabeças  
denso o tráfego de passos  
apressados se cruzam e acotovelam  
ninguém os deterá  
o quartel vazio  
armas ao abandono  
todos de si riem

descomposto  
                  repugnantemente nu  
pústula de gente  
ridículo e só na multidão  
insígnias do medo  
                  (o futuro é já amanhã!)

diluo-me pausadamente na bica  
negro êxtase de espuma  
boiando descontrolado  
                  me afogo  
são vagas asa recordações  
                  e me inundam  
suspenderam a rotina em volta  
interferentes e intrometidos  
                  de louco me apodam  
nem um gesto  
                  por mim  
                  pelo vagar deste cansaço antigo  
desaguou na praia  
longo areal de memórias  
                  exauridas  
ofensas se erguem os lábios  
                  no desdém da colher  
retemperado (pelo açúcar indissoluto)  
pago o preço deste sonho  
                  outro  
ignoro o desdém  
                  pobres assalariados da dúvida  
profanam ociosos templos  
                  que fomos.

ruidoso relógio nos matraqueia  
calcorreamos as folhas deste espaço  
inútil livro que não escrevemos  
soam clamores, cláxones e freios  
alheado prossigo sem ouvir  
vociferantes vozes que já esqueci  
devo-lhes novas angústias  
somos a cidade do passado  
estéril abismo que recusámos.

carcomidos degraus da sombra me protegem  
solitária melopeia de saudade  
no espelho se esvaíram dez minutos  
renasceu há apenas três senhor general  
atravessava o corredor imaginário  
uma ficção de rua quotidianos esbirros  
no nexo do real  
saltamos o grande muro  
de nós mesmos

2.

nenhumas imagens nos percutem  
ruinosas pedras  
desocupada janela  
nunca existida  
desconheço este fantasma que habito  
repetem-se passadas antigas  
como se fossem primeiras  
estranhas forças me dominam  
sibilante é este tempo inventado  
na brisa

o vento novo na casa da palavra  
a ordem cumpriu-se  
em nossos caminhos  
a longa missão  
povoa-se de alegorias  
escombrosos dias  
muradas deliquescências  
escabrasas invadem  
o revérbero da imagem  
no princípio do beijo  
o mundo  
desaustinado ato  
inaugura a luta  
sabíamos ser o cavaleiro andante  
solitário  
líder da resistência  
ei-la  
é tua  
desfruta deste conluio  
enredada batalha inconclusa  
não à avidez  
soçobrantos corpos  
encrespadas mãos  
quase unidos no prazer  
na posse primeira  
(a eternidade é uma falácia, dizem!)  
concêntrica viagem ao outro lado  
em vão se aguarda  
a abruta queda sem regresso  
insubmissos  
sobrevivos envilecemos  
a engendrada equivocada desordem  
podres

corruptos  
cancros de todos os filhos  
existimos nos que creem  
e confiam  
em vão.

estrelante civilização  
da bomba letal  
cercados por decadentes fomes  
soubemos da vida  
bebemos a taça  
no sétimo céu das indiferenças  
emborca o general  
vitória pírrica sobre o medo  
soldado de muitas guerras  
todas absolutas e finais  
nunca libertado  
do embalo de sonhos inominados  
matou  
decepcionou  
estropiou  
nunca a verdade saberás  
general-da-grei-sem-lei

- o nome da paz desconhece o sangue da liberdade -

**26. 91. mes armes, mai, 2, 1969**

les soldats sans armes  
s'enfoncent dans la guerre  
ils sont les pauvres avocats  
de la paix sur la terre

mes armes sont l'amour  
la compréhension  
elles tuent  
les sentiments des déshonnêtes  
tant que les fusils  
ceux qui bataillent

je cherche la paix  
pas la guerre.

## da morte

27. 412. um homem só. maio 9, 1972

(*um homem só*  
                        *corpo*  
*sem que alguém vá*  
                        *e o erga.*)

aldeias da história-lenda  
fogo de imigrar em sangue remoçado  
verbos de mata-bicho

idades-tentáculos-de-ilusão  
névoa de baforar desprezo  
                                     esta deverá ser a leitura

(habitante-perdido-de-um-qualquer-universo  
cósmico

                                  mísero  
                                  estrangeirado  
bebes o sol puído pelos outros  
cavas o mosto  
                                  no feudo da tua pátria

- revoltas adiadas no acre travo do vinho -)

homem-adega-de-qual-desespero  
  reinventa-se a esperança

submisso aos suores fáceis  
subpeça  
                                  roda-dentada da produção  
vives na sacra coutada dos monstros  
cansam-se os dias sem alma

esclavizadas horas  
metálicas vozes de robôs  
descomandando alienantes vontades

marejados olhos de saudade  
verdes campos de miséria  
searas de fogo lavradas  
corpo de todos os ventos

(envilecido corpo  
lasso  
corcovo  
trôpego  
o homem-mascarado-de-máquina  
foi substituído sem palavras

liberto  
sem ópio de vis moedas  
corroendo vagos bolsos  
vágáros passos em jardins eternos  
sem horários nem vida  
esquecido o temor chantagista do desemprego  
o velho homem  
de esperanças ulcerado  
chorou ódios  
nunca imaginados  
atemorizante  
crianças se refugiavam  
apreensivas

e o desperdício-de-ossos-sem-ofício  
sem entender  
sem força de gritar



o nome violado  
a vida pontapeada  
sem reforma nem caridade

piedosas senhoras tricotantes  
agasalhados canídeos de estimação  
adoração  
rosnando ostensivos insultos  
provocante pobreza homiziada

sozinho no enorme concreto da rotina  
o pranto dum homem condenado  
lá onde a idade acusa  
fictícios mundos

substituído o pária explorador  
de complacentes amos  
insobrevivos

impante de crómio  
cintilou o robô  
sem doenças  
cansaços  
pausas  
sofrimento.

inconsequente  
alguém poluiu a paisagem  
um corpo vadio acalentando deceções  
o polícia-de-giro torceu o nariz  
o motorista-fardado sorriu indiferente  
o caniche gostou daquele extenso poste

chegada a noite

habituais  
os amantes estranharam  
era de chaillot a louca  
tropeçando no fardo  
o jornalista pressuroso  
bateu mais uma chapa  
sem risos

ninguém perguntou  
porquê ou como  
o corpo ninguém o reclamou  
no laboratório hospitalar  
o retalharam  
e depois de usado  
o lançaram à estrumeira  
não lhe sabiam  
nem nome nem a idade  
nem lhe pagaram o direito à morte.

as aves sussurravam LIBERDADE.

**28. e-25 versão 2. o grande edifício da família (ao álvaro m. noia dias de oliveira). ago 15, 1971/jul. 2, 1972**

*para que não tombasse  
o grande edifício da família  
precisaram de mim  
para que cantando-o  
ele se erguesse*

retorcida a memória desvanecia-se lentamente a angústia jamais suscitada. acedi temeroso aos rogos em chantagens múltiplas. sob a voz dolente e o canto se erguia a paisagem (re)nova(da) dos mitos.

no sagrado mausoléu da família um grito sufocado pelos vermes exigia um monumento perene como ofensa-desagravo. a luta vã dos semideuses ultrajados ia começar. senhoras e senhores aos seus lugares, a grande peça vai...mas não foi! todos compostinhos em retrato de corpo inteiro, máscara de pacíficos cidadãos sem mácula, muito maquilhados para atenuar os traços indiscretos do cansaço. a álbum de recordações foi trazido envolto no pó das preciosidades inúteis, servido em bandeja de prata com adornos de vidro ou cristal barato. desfolhei-o lentamente e cedo me cansei dos arquivos em papel timbrado.

o representante da ilustre assembleia tecia respeitosas e venerandas considerações que a douta assistência assinalava com honoráveis movimentos de cabeça em aprovação.

estava ali o retrato mas recusei-me a vê-lo, pedi-lhes o negativo e foi então que os olhares voaram acusadores como sacrilegiados (que mania aquela de ressuscitarem nomes sem saudade nem lágrimas e olhares tristes de papelão. o homem morrera, isso era certo (vi a certidão de óbito datilografada numa letra miudinha muito linda como convém em casos destes) e o filho estava ali em frente, hirto, muito convicto do seu papel (qual?) falando dos seus juvenis devaneios, avaros, trabalhosos, semeando experiências para recolher lucros fabulosos. vencera. as palavras rendiam dividendos, os atos iam-se amortizando e o néon aglutinara o suor farto dos outros.

no faustoso mausoléu não pensei encontrar a família nem o fabuloso mito, mas ao ver todos, tão juntinhos e compenetrados convenciam qualquer um de que eram a família, doloroso equivoco.

os netos, forçadamente graves eram poltrões esmaecidos por ócios acumulados,  
sentados em riquezas invisíveis, pensando no que teriam sido se...(aí, estremecendo vi  
o verdadeiro dividendo, era então esse o segredo?!)

olhei em volta, toleradas pelo faustoso ambiente as lúgubres rugas e uma tristeza  
infinda e subterrânea, insatisfeita e incontinente.

depois, sem saber como deixei a voz, o canto, e saí

se aquele era o grande edifício da família

pelo que lá aprendi,

a todos, obrigado.

## *29. e 20. e de súbito, noturnamente toda uma vida. set 1970*

saímos uma noite em busca de pirilampos, íamos pelos campos fora de mãos dadas como enamorados esquecidos de tudo até das estrelas. de repente caiu uma e vimos que era como os pirilampos. foi nesse instante que entendemos que o mundo estava errado.

pensamos então na sua reconstrução começando por nós.

não foi precisar inventar os corpos pois sempre existiram. apenas numa dimensão imaterial nos sentíamos superiores. envolta tudo e todos indiferentes à revolução que fazíamos. à nossa frente corriam os ideais e para trás ficavam com estrondo de derrotas, asa desilusões e sonhos esmaecidos que doem a multiplicar como derrotas quando se luta pelo que se ama.

críamos em nós e nos ideais, as pessoas pasmavam só de olharem. pela calada mandavam os filhos fazerem arruaças, e nós prosseguíamos na reconstrução, revolução, encontrando ruínas de outras civilizações, da nossa a certeza de se prolongar para lá dos tempos, armas e exércitos poderiam parecer ridículos pois não os tínhamos. as vítimas seríamos só nós e o suicídio não levaria ao desespero. poderíamos ter-lhe dado os mais estereotipados nomes mas chamei-lhe apenas amor.

as paredes caiadas de branco ficaram enrubescidas pelo sacrilégio e começaram a abanar freneticamente, as portas batiam e o vento entrava a assobiar. indiferentes, permanecemos imóveis no meio da sala, de holofotes assestados sobre nós, altifalantes berrando gritos ululantes de profanação, violando o nosso silêncio físico.

veio e vimos um ancião vestido de maneira excêntrica que apontou para nós dizendo "levem-nos, encarcerem-nos serão julgados e condenados". fomos separados e metidos em celas onde mal cabíamos de pé ou sentados, tratados como animais que eles gostariam de ser se um dia reparassem como são ignóbeis. aguentámos tudo maltratados. depois durante uns dias esperaram que a nossa aparência melhorasse, passaram dias ou semanas estávamos em compartimentos separados mas nunca distanciados de facto. chegou o dia e nos levaram à força para uma sala onde as pessoas começaram a murmurar mal nos viram mirando-nos como animais. olhávamos em volta em busca de algo para sorrir mas o mais amistoso era o martelo em cima da mesa do juiz ancião.. os olhares mirones e reprovadores cercavam-nos e a um sinal do

ancião todos apontaram para nós e disseram daquela farsa: "culpados e condenados à morte!"

enquanto aguardávamos a execução nasceu um filho que nos foi retirado e recolhido.

findos vinte anos de cativeiro no corredor da morte ainda não fora reintroduzida a pena capital que nos aguardava e soubemos por um jovem que se intitulou nosso filho que a pena fora comutada. o nosso crime deixara de ser, amar era legal e um produto de consumo maciço na nova sociedade do mesmo tipo.

***30. e 21. a morte em todas as faces da ingratidão (ao meu primo alberto meira. abr 13  
- set 18, 1971***

*internado no "lar do comércio"...octogenário,  
faleceu...uma posição social e uma filha que só chegou  
após o enterro.*

trabalhador, visionário  
de nacionalidade sonhador  
empreendedor e pai  
recebe teus dividendos

nem saudade  
ou homenagens póstumas

uma campa rasa  
sem lágrimas nem flores

utopista e arrebatado  
sentimental por quem os sinos dobram  
o silêncio do esquecimento

como recordar-te sem lágrimas nem tristeza

saudade de te conhecer em criança à nossa mesa  
eras dos nossos, falávamos de ti por vezes  
palavras de pena ou compaixão  
desculpa-nos, eras velho e pensavam-te louco  
ficou a alma que nos legaste  
neste poema de saudade  
descansa entre os teus  
dir-te-ei da tua filha  
quando a encontrar no inferno

CAPÍTULO 4

**DAS VERDADES HEROICAS**

**talvez inconfessadas**



*31. e-31 memórias mistas na ilha encantada das brumas [nos 57 anos do meu pai]  
- nov 27, 1971*

na ilha encantada das brumas festeja-se hoje o dia universal do AMOR.  
apesar do armistício mundial, as nações beligerantes num desespero de tédio tentaram boicotar a iniciativa.  
meu pai - homem de palavras poucas mas sábias - nunca me disse onde conheceu minha mãe.  
guardava esse segredo ciosamente com laivos de vingança contra o mundo.  
a perguntas minhas nunca calou RESPOSTA.  
homem duro e marcado tinha palavras ternas nas mãos que também sabiam castigar.  
meu pai era um HOMEM.  
para ele vida sinonimizou sempre FAMÍLIA, ninguém como ele melhor me justificou a existência, mas na irreverência da minha dúvida eterna e jovem nem o ouvia.  
compreendia-o e se o dissesse contradizia a imagem que de mim criara.  
as minhas respostas eram insultos, ofensas. discutia, provocava.

bondoso acabava por vir até mim com uma palavra JUSTA e dócil, não se vergando nela como numa justificação, antes se enaltecendo e elevando a meus olhos por tal atitude.

como rebelde rejeitei sempre essa PALAVRA justa e dócil, mas ele era o CAMINHO, mostrava-mo vezes sem conta.

fingindo ouvir, baixava os olhos para mim próprio, escondendo na alcatifa os pensamentos.

falava-me: o caminho era ele e eu recusava-o, não era para mim, nem para as minhas posses.

a decisão tomara-a há muito, e ele sabia-o com dor e mágoa de pai.

embrenhado em atalhos e ruas duvidosas, sem futuro nem certezas, envergonhava-o descreditava-o como pai e ele sempre sem saber como eu o admirava.

ao caminho demasiado árduo, preferi a vida, a aventura, emoção, luta fácil.

sei que choraria por mim se o soubesse, e merecia nem que fosse uma só palavra minha, terna, de amparo, o meu braço pouco forte em vez da mentira.

até um dia, belo, cinzento em que descobri o SEGREDO inviolável: meu pai encontrara minha mãe nas ilhas encantadas das brumas, lá onde habitava o AMOR.

jamais lá estive, por isso, sempre perto de meu pai, longe dele estive.

*32. 421. habitante de todos os calendários. jul. 26, 1972*

este o dia  
celebrado habitante  
de todos calendário

pendente memória no jornal de parede

voo único  
irrepetida viagem  
ressurreta

canónica consagração da utopia

este o dia  
exógamo ato  
desfraldado grito  
de todos bandeira

imodesto orgulho  
ambição  
insofreada sede  
de não ser-só.

33. 422.2. *heróis à força, sem força. dez 6-21, 1972*

(*runaway schoolboy, a allen ginsberg*)

rescende no instante a muda seiva  
gorgolejante

apocalítico rumor

horizonte longe

perdido limite sem idade

refratário sol

no grande Canyon de todos nós

abrsa-nos este suco de texas-tea

impetuosa

a boca do vento

rasgou a fonte do olhar

diante de nós *the trip*

miragens eternizadas

paisagens sem nome

inundadas armas do ventre

lento se abriu

o tempo do delta

fulminantes deuses

estátuas de visco

o triângulo

vertiginosas ancas

crecemos na seca sede

- o país do corpo em retrato inteiro –

espoliamos a nudez virgem

sem um vagido

correm duendes na floresta da seiva



*34. 398.2. jogos de portuguerra (a erich maria remarque). abr 1, 1972*

aves de fogo nas asas

vómitos de morte

buscam-se homens

abrem-se corpos

jorra sangue inocente

escamoteado

balas de ódios suicidas

heróis à força

pequenos deuses

repetindo (é inútil!)

a vida

sobras de gente

alvos fáceis

na geometria do espaço

olhos de bruma

silêncios por incendiar

insigne canto sem sorte

cativoiro

desterro

diáspora

heréticos cadáveres da chuva

clandestina voz imolada

gruta suspensa na boca do espanto

e a trégua por instantes morou

no repouso dos sangues tumulares

e a cauda do cometa se fez canção

em mil gargantas renascidas

na margem do poema a falsa pátria

agoniza

a ciência é esta

erguemos a força

e nos crucificámos

tranquilos nos despedimos

menos um barco na raiz do tempo

liberto espaço do universal canto).

opacas avenidas da grande ilusão

anónima gente na formigante pressa

estas as douradas gaiolas de cimento

bem sei como é doloroso

atravessar luzidios corpos

cobardes máscaras

aqui imaginámos abjetas sevícias

confortante desamor

palavroso deleite

predestinados entes sobrevivivos

sacro dever da morte

e o povo fossando

a vala-comum-da-pompa-abissal

decadentes

prostrados

não se masturbem!

senhores deste mundo

desorbitados astros nos vigiam

no violino de teus lábios

nasce a vingança

a senha e o passe

deste cântico sem povo

(inventado o abismo imaturo  
cavaleiros do sonho se vão  
da lei sem pátria libertando  
guerrilheiros de si e dos outros  
palavras lhes faltam atávicas  
benzidos pelo fogo de sacrários  
sideram a genealogia do mito.)

aqui e agora se medita

inaudito espetáculo

revolucionários-ministros-de-guerra

em corpo-a-corpo

nações beligerantes

evitariam gratuito sangue

o povo pagaria imposto

para morrer desfastiado

passaria fome para ter governantes bélicos

a geografia da velhice sobreviveria em paz.



**35. 294. poema triste. set 29, 1971**

1.

com riso podre de corpo mecânico  
cansado de inventar flores com lágrimas coloridas  
suo espadas de amor na fragilidade do cristal

violo a sombra que nua projetas  
neste silêncio de palavras que adormece  
agarro nas mãos árvores onde nunca me enforcarei  
fecho os olhos raiados de imaginação  
sonho este campo verde do teu olhar  
planto atos de que não colherei filhos  
atiço o fogo de me sentir vivo  
refugio-me nas faúlhas desta barricada de palavras  
aqueço-me com olhos de ninfa  
cubro-me com lágrimas secas de ossos ressequidos.

*ou então reescrevamos tudo desde o início:*

suo cancerosas flores no cristal do riso  
mecânico é o violar da tua sombra disforme  
cansado de viver lágrimas no horizonte  
em mim começa a paisagem peregrina  
são teus os seios e a caridade das piranhas

o gelo e a cicatriz da linguagem  
nos adormece  
cósmica é a poeira de teus afagos de ninfa  
(choro convulso de ossos ressequidos)  
eloquente barricada de palavras  
na multitude dos partos  
troncos estuantes me repousam  
(lá onde jamais me enforcarei)

morrer não é arquivar lapidares pompas  
em ti levedam (de)cantados silêncios  
repulsa de ódios sem dimensão  
prosaicas asas voam em nossos pés

no bosque inacabado que és  
me quedo adjacente e inútil  
por que evitas cantos heroicos  
eu os invento nos semideuses soçobrados  
eu os amortalho  
éticos solos  
pútridas sementes  
recusados  
do alto da pirâmide  
os vindimam no remorso  
violento naufrágio de um qualquer hino  
no labirinto do medo floresce a catedral da carne  
transmigra o sexo sedento  
- sim! colonizámos os corpos de ambições desmedidas.

2.

morrer não é ter flores na campa  
é estar aqui inútil e deitado  
enquanto sofres ódios desconhecidos  
de ideais em que nunca acreditarás  
na floresta onde cantam os pássaros  
não batem corações de heróis como tu  
e o canto das aves sou eu que o invento  
à medida que os heróis morrem  
amortalhados em folhas secas  
os homens não se queixarão das suas crenças  
os corpos não descerão à terra putrefacta

ela recusará o corpo dos heróis  
para que possam apodrecer envoltos em remorsos  
e as balas deixam de matar os pássaros  
cujo canto invento  
salpicado pelo sangue de um qualquer hino.

- NÃO À VIOLÊNCIA! -  
exclamo neste silêncio de paredes nuas  
enquanto esmago uma mosca em gesto de indignação  
é proibido falar de amor  
se homens-não-heróis insistirem em comprar corpos  
violentando almas que já não existem  
por entre riso rouco de animais

enforco-me na cobardia desta inação  
com palavras inúteis.

morrem fuzilados filhos  
embalados em tempo algum  
em berços repletos de esperança  
as mães arrancam a carne com unhas de desespero  
choram lágrimas de espadas de vingança não desembainhada  
rezam preces que homens lhes vendem a troco de religião  
acendem velas em altares e vestem de luto  
mas os heróis verdadeiros não ressuscitarão.

idades choram nas ruínas  
esventradas pelo vulcão de caprichos  
idades se erguerão mais altas e ocas  
nelas nascerão os que as hão de arrasar.

**36. 398.1. bucólica (à helen mcneill). mar 27, 1972**

colinas tranquilas do tédio

resgatam céus do hábito  
pastores de entoar estrelas  
sacro ofício de deuses

ninfas de lã  
    sacolejantes  
        campesinas  
descendo aldeias de lousa  
vendendo corpos de inverno.

- ciclos transumantes de vida –

cabanas de colmo  
    com odor de homem  
áridos sons  
    montesa linguagem  
frugais merendas de condutores de rebanhos  
sonhos de fome e frio

rústica paisagem  
    fragosas escarpas  
cio longo  
    noites de vigília

uivantes lobos  
    no hálito das trevas  
agrestes vales  
    povoados  
        anjos desasados  
estábulos com horizontes de lua-cheia  
poeira de tojo esventrando a solidão  
mulheres nascidas de bafo  
    cristais de cinza

na terra esboroadada

estes pastores

na sorte diferentes.

## CAPÍTULO 5

# **DAS DOLOROSAS CERTEZAS NARRADAS COM TEMOR**

**37. 295. o génio (a grotowski) set 29, 1971**

1.

o poeta compôs o verso  
alindou-o  
    pesou-o  
        limou arestas  
quando acabou  
    tinha parido uma folha em branco.

*ou então recomeçamos desde o início:*

o poeta projetou o verso  
                    na órbita interestelar  
inquietas margens de rios sem fronteira  
país cósmico do verbo  
varrido o sonho  
                    pelo vento da insatisfação  
limaram-se arestas  
                    vírgulas  
                    pontos  
palavras senis revitalizadas  
concluso poema  
                    desescrita folha  
em branco  
    bolso  
        vago e roto.

2.

o poeta acreditou  
                    escreveu  
                                sonhou  
embalando-se  
    ledo de alma

reparou em si próprio  
  humilhado  
com desespero  
  rasgou a obra  
  desnecessariamente

(não haveria já quem a lesse).

*ou então recomeçamos:*

o poeta pincelou de vida  
  disformes linguagens  
pobre pedaço de gente  
  só  
  humilhante e inesperado  
rasgou a obra  
  desnecessariamente

(não haveria já quem a lesse).

3.

o compositor entrou  
  sentou-se  
pediu sinfonia de açúcar e café  
tocou  
  tocou  
  sem parar  
  no teclado da mesa  
as colheres extasiadas  
  em suspenso  
até ao instante das mesas vazias

lá compôs a sua obra  
sob o repúdio nas cadeiras vagas

pelas mãos correram lágrimas  
tombando nas teclas.

dessa música fiz um poema de amor.

estropiados anos  
                        vorazes alheamentos  
(e o mais só os poetas esqueceram sem preço)

choverão póstumas homenagens  
  dos suplementos  
  até então mudos

literárias ruas  
                        no nome de praças com estátua

- preito ao poeta que ninguém leu -.



**38. 409 a mulher de metal . à maria teresa horta. abr 27, 1972**

*à maria teresa horta  
(ainda a parede em frente  
eivada rotina do insulto  
mística música de pedras*

*não partem  
não cedem.)*

a mulher-de-metal emergiu  
sacrossanta (mas não muito)  
entoava um qualquer eletrónico salmo  
ridente pendia um crucifixo  
  
sexo irradiante de aço  
mecânica erupção  
roliças ancas  
inconclusos seios  
o reflexo de zinco compunha  
fria linguagem  
metal-de-mulher  
  
linear o tijolo e a caliça  
talha grosseiro de cristo  
acobreada pelo cio  
primavera-de-uma-só-noite  
robô-de-mulher-teleguiada  
refulgente é o olhar  
iridium-4  
carnuda  
desenganosa engrenagem  
oleada  
para não cerrar dentes

ao prazer  
à derrota

sonora

inflorescente fêmea

- também tu crês na emancipação da mulher? -

*39. 415 missmundície. jun. 2, 1972*

autoestrada da fama fácil  
estirada  
    jacente confusão  
intricados ossos  
    sangue e ferros  
            contorcidos  
perdida a grande corrida  
sem títulos que valessem  
nem sorrisos vagos  
    desocupados  
onde os olhos-de-embalar-promessas  
                            publicidade  
objeto - sim(biótica mulher) de símbolos  
                            signos  
coisificado o mito da feminilidade  
viagens  
    prémios  
        diversões  
e um automóvel-caixão  
            para morrer à fatal velocidade  
            concurso de beleza última  
já no tabuleiro frio da morgue  
            se ergueu trémula  
para se maquilhar de branco  
            tom suave  
            próprio para o evento  
bela-de-dia-se-deitou  
    extenso sorriso noturno  
  
e o corpo premiado na grande exposição  
à terra desceu  
    sem ovações nem desejo.



*40. 223. a criança, o brinquedo e a criada de meninos. maio 11, 1970, dez 29, 1972, mar 10, 1973*

o cavalheiro da gravata-de-nó-estreito  
(aprumado símbolo de sociedades elitárias)  
empunha sua fleuma num sofisticado bazar  
com um vago desdém  
aponta a superioridade  
do seu polegar tenso

paga  
e sai  
(distinto cavalheiro)

uma criança  
de passos alcatifados  
eleva-se na gratidão  
cinco anos já amolecidos

suaves  
a música  
o calor  
o uísque  
e o livro

um deselegante som ousa interromper  
um pai calmo que se soergue  
talvez inquieto  
molestado

inerte no chão  
um corpo indigno  
não pulsa  
delgado fio líquido

escorre  
ignóbil mancha  
alastra  
  
nos frágeis dedos da criança  
fumegante instrumento  
de antecipar o futuro

luminosa inspiração  
no cérebro do cavaleiro:

“ESTES BRINQUEDOS CADA VEZ ESTÃO MAIS REALISTAS!”

**41. 420 onde? jul. 15,1972**

para melhor aprender o sombrio espaço  
risquei um fósforo  
segurando-o entre metálicos dedos  
não consegui identificar-me  
à massa viscosa e arquejante  
nem tampouco conhecia  
de memória alguma  
o fétido odor exalado

templo estranho  
plano e amplo  
sem horizontes  
nem movimentos  
som ou cor  
algo indefinido  
talvez brilho  
longínquo

estranha manifestação de existência

pelo tato imaginei-me

habitava um vulcão fossilizado!

depois

côncio da enorme descoberta

creceu em mim o medo

tornou-se dúvida

já nada era perceptível no estático ambiente

a chama do fósforo incandescendo a escuridão

primeiro hesitante

depois intensa (senti o sol suplantado)

**ENTÃO BERREI.**

já os dedos ardiam numa labareda intensa

enclavinados pelo frio

inúmeros sóis metálicos cavalgavam a dor exilada

com sádico

- talvez cósmico –

prazer

apressei-me a apagá-los

nas pedras

nas paredes

em mim próprio

e não havia onde

de novo às escuras

(como aliás sempre estivera)

admirei-me por não ter memoriado

o misterioso local

dei por mim ausente

lá

onde (nunca) estivera.

***42. e-33 o futuro é hoje ago 10 1972***

era como sentir um deus dentro de mim e depois aquilo começava a mexer, a mexer, borbotando, saía da pele, trespassando os ossos, raspando o ar ao mesmo tempo que as mãos: como quem corta um pão enquanto permanece imutavelmente estático, sem queixas, sem gemidos nem dores, moldado ao gesto, elástico.

...

era como sentir o tempo parado amanhã e apenas se visse o futuro em tudo, até no nevoeiro que crescendo dentro de nós já era húmido cacimbo, lá fora objetos mudos, quietos como jamais, nem dez segundos tinham passado e já era amanhã, vermelho, gorgolejante (o futuro às vezes pregava destas partidas).

olhos sem brilho desorbitados, vagos, num qualquer espaço que nenhum de nós sabia identificar: como se estivéssemos do lado de lá e quando nos mirássemos, escondermos-íamos com pavor.

então, vinha o espelho, as pessoas perguntavam por si próprias e as imagens...lá perduravam, as pessoas não.

os rostos abrigavam-se num qualquer buraco à procura da luz que não vem dos buracos, já era dia, as ideias cavalgavam os minutos à desfilada por entre mudos sorrisos tolerantes de loucura. ninguém acreditava na linguagem dos olhos que já eram pó e habitavam um qualquer caixão. no entanto, ali estavam indesmentíveis, lembrando-nos como continuávamos vivos, de pé, naquele templo de morte.

era costume pendurarmo-nos no tempo e os minutos eternos e futuros brincavam connosco, puxando-nos as cordas para nos balançarmos aflitos e temerosos já que não saberíamos viver noutro tempo.

e já tudo era música, vinha dos olhos, penetrava o sexo até os dentes rangerem de prazer. tudo era música incluindo o encarnado das paredes nuas (jamais haviam sido caiadas – como numa acusação) e vinha dos poros de suor, do cabelo empastado como bolas à chuva de verão (que jamais tombará!). sempre a música, na luz, nos sons irrepitidos, mijando na lua, na poesia, na inutilidade de corrermos atrás do que sempre nos fugirá, irremediavelmente parados num vasto campo atulhado de urnas vazias – JAMAIS ALGUÉM EXISTIU LÁ. –

o som alucinado, as pessoas bem bebidas saindo com passos trôpegos, proclamando profissões entre confissões que nunca serão assinadas porque sinceras.



e um cão sem sexo pois nunca foi cão, encosta-se a um poste, fitámos o animal como se ele existisse e nos chamasse e houvesse poste, depois afagávamo-lo com o olhar, dormiríamos descansados com o poste seco, sempre esteve, apenas poste, nada mais. um gato mia lugubrememente a um guarda noturno, sem rua nem farda, pois nunca foi admitido e continua a viver iludido, enquanto lhe pagam a fome com sorrisos de comiseração, e diariamente se arrasta pelas portas que lá não estão mas deviam, e já há quem lhe atire pedras, as quais não lhe acertando o trespassam, caindo atrás dele como se não o tivessem atingido, o que é mentira, pois as pedras tombam magoadas com restos de sangue coagulado, e o sangue das pedras é vermelho como o das estrelas que não brilham enquanto houver uma chávena de café para estancar o sangue com merda.

já é noite, sempre o foi, mas o sol não acreditou até ver uma ratazana morta de medo e um polícia à paisana num bordel, vestido de luxo como morcego de raça, por entre pedras preciosas de mil enganos fosforecendo na treva.

um mendigo busca um lato de lixo bem conservado e próspero para deitar os seus restos (que civismo! – comentarão e a esses responderei que nada disto existiu). depois, alguém irá, na sua opulência, remexê-los (inventar-lhes-á um nome, talvez banquete, palavra que conhece por ouvir dizer) e continuará de mãos bem estendidas sem que alguém vá e as acaricie (exceto com a saliva do desdém).

a rua vazia como se ninguém a ativesse atravessado desde há séculos, o que também é mentira (outra), pois das pessoas sobraram sombras (ficam sempre para alguém ir e guardá-las) e cabeças de crianças que não nasceram, espetadas no chão para exemplo. passavam sem as verem, pisavam-nas e elas sem um grito, até que uma tropeçou e todos se calaram, era tarde, já chegara a hora de recolher, não havia tempo de arquivar imagens de agonia. já as gentes voavam mesmo sem quererem, incapazes de saberem como evitar pisar essas flores estranhas que ninguém colheria.

cansadas em casa sem asas nem memória (que esta é uma dor), queriam dormir tranquilas e drogavam-se, pílulas coloridas, cada uma era cabeça de criança em tamanho de alfinete sem ponta nem voz.

o sangue jorrando continuamente como cascata em sonhos, como alguém quase a afogar-se querendo acordar para não morrer e logo acordando nadavam desesperadamente, não havia já quarto ou sala ou casa e ninguém restava para se lhe narrar o sonho.

era assim naquele tempo até que um génio inventou a fala e todos gritaram como se fora vital, então, outrem gritou a lembrança de que já antes se entendiam por gestos e daí nasceu o silêncio.

depois o hábito, o esquecimento, sem saberem o que existira antes do silêncio, e então já eram sapos de enormes bocas abertas, nem precisavam de nadar para (não) morrerem, pegajosos agarravam-se à paisagem evitando a todo o custo cair nela, dando-lhe cor sem movimento; como tinham o dom genial da voz sempre que respiravam e não sabiam que o faziam, logo morriam de novo (desta vez sufocados). filmes mudos não havia, eram todos toupeiras à custa de terem os olhos vendados (para não dizerem do que viam), escavavam, sem uma palavra, incitamento, e tudo ruía por toda a parte.

deus não fora ainda inventado – nem era preciso – ninguém pensava e se o faziam, pensavam que não podiam, e acreditavam que não (assim estava determinado para não se contestarem dogmas).

foi nessa altura que a estrela se intitulou um qualquer nome e desatou a rodopiar, percorrendo o espaço em fuga interestelar, deixando para trás um rasto invisível que só tomava forma na imaginação das outras estrelas, as quais vinham de noite passear o cosmos, afastando poeira à sua passagem, desafiando o tempo, essa sucessão de instantes inacabados, infindavelmente continuados e perdidos desde o início, pois tudo foi sempiterno (até o silêncio) por nunca ter existido.

...

esta noção de amanhã é falsa, equívoca, ainda falta inventar o “agora” como quem pede desculpa e não sabe, e já de trás todos gritam dizendo que sim para se suspenderem da sua total ignorância sem terem de admitir e confessar a sua inexistência, e então, de novo, inventam algo chamado “ontem” para se autodesculparem, e logo lhes agradecemos sem sabermos porquê.

não estamos desesperados para nos suicidarmos com palavras, lá no íntimo nem a certeza de termos jamais nascido, tudo vago, sem contornos, sem cor nem forma.

#### ***43. 366. (à mi) dez 18, 1971***

bato à lembrança dos dias

pela porta entreaberta

ouço saudade

entro na sala vazia  
nas paredes nuas e frias  
nem uma fotografia  
para enganar os olhos

vasculho nos cantos e buracos imaginados  
nem uma migalha  
para avivar memórias  
incrédulo saio a correr  
com a sensação de ter perdido  
parte de mim.

**44. 396. olhos de silêncio. mar 22, 1972**

ah! este destino de mãos com dedos  
palpando corredores da memória  
à desfilada em madrugadas ossudas  
corpos atirados aos astros

caminhas nos desfiladeiros do sonho  
com sóis na boca de beijar estrelas  
calas este pus amargo  
com olhos-de-mar-e-algas  
nas rochas insofridas  
sim, falas pelos teus olhos de silêncio.

**45. 222. ódio? suicídio? (a mim). maio 7, 1970**

fecha os olhos  
imagina-te  
debruçado sobre o rio  
  
com um dedo

pressão ligeira  
igual a empurrão

abrirás os olhos  
na convicção  
de teres realizado

um dos inconfessáveis

desejos teus.